

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

# Literatura

Agosto / 2019

nº 50

DICAS DE LIVROS,  
ENTREVISTAS COM  
ESCRITORES,  
CONTOS, CRÔNICAS  
E MUITO MAIS



VAGNER AMARO E

# EDITORA MALÊ

FEITA POR LEITORES  
PARA LEITORES



www.revistaconexaoliteratura.com.br

# SUMÁRIO

AGOSTO DE 2019

**Editorial:** por Ademir Pascale, pág. 03  
**Entrevista com Vagner Amaro,** editor da Malê, pág. 05  
**Crônica:** "Temos que assumir a responsabilidade das nossas escolhas ou da ausência delas", por Luiza Moura, pág. 10  
**Crônica:** "De janelas, portas e outras passagens", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 13  
**Dicas de Livros:** págs, 16 e 17  
**Parceiros da Revista Conexão Literatura,** pág. 18  
**Artigo Científico:** "Noções teórico-práticas de Direito Educacional na escola brasileira de educação infantil e de ensino fundamental e médio: ensinando-e-aprendendo direitos e deveres", por Marcos Pereira dos Santos, Ananias Pereira dos Santos e Jacqueline Elisa Mazzur Andreatta, pág. 19  
**Artigo:** "Sorvete de Pizza Mentolado X Torpedo Tomate", de JackMichel foi inspirado em médico morto da Guerra do Vietnã, por JackMichel, pág. 26  
**Entrevista com o escritor Roberto Schima,** pág. 30  
**Entrevista com a escritora Marcela Franca,** pág. 36  
**Entrevista com o escritor Adroaldo Almeida,** pág. 40  
**Conto:** "Como surgiu a noite", por Roberto Schima, pág. 44  
**Conto:** "Isabel", por Míriam Santiago, pág. 47  
**Conto:** "Zodíaco", por Rafael Botter, pág. 51  
**Conto:** "Volver a Empezar", por Vinícius Bandera, pág. 55  
**Conto:** "Oh, Bela!", por Roberto Schima, pág. 58  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,** pág. 75

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Ananias Pereira dos Santos - Jacqueline Elisa Mazzur Andreatta - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - José M. S. Freire - Vinícius Bandera - Adroaldo Almeida - JackMichel

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

**Site:** [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**Fanpage:** @conexaoliteratura

**Twitter:** @ademirpascale

**Instagram:** @revistaconexaoliteratura



# EDITORIAL

**Chegamos em nossa edição de nº 50. Foram 50 edições com muitos livros, autores, entrevistas, contos, crônicas e muito amor.**

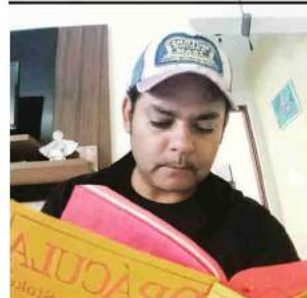
**Nessa edição destacamos Vagner Amaro, escritor e editor da Malê, uma editora que vem fazendo diferença no mercado editorial. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ele.**

**Ainda nessa edição: entrevistas com escritores, contos, crônicas e dicas de livros.**

**Leia, comente e compartilhe com os seus amigos ;)**

**Tenha uma ótima leitura!**

***Acesse o nosso site***  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**



***Ademir Pascale***  
***Editor-chefe***



Vagner Amaro e Fábio Kabral. Lançamento da Casa Malê na Flip 2017  
Foto: Francisco Jorge

# ENTREVISTA COM

## VAGNER AMARO



Por Ademir Pascale

### Entrevista

**V**agner Amaro é carioca e ainda criança iniciou seu envolvimento com a leitura e com a escrita literária: devido à escassez de livros em sua casa, ele mesmo escrevia as histórias que seriam o seu material de leitura. Quando adolescente – já então um leitor voraz, enquanto fazia a formação técnica como gráfico, no Senai, devorava todos os livros de Rubem Braga, Fernando Sabino, e os contos de Clarice Lispector, de Caio Fernando Abreu e de Nelson Rodrigues. Formou-se em Biblioteconomia e depois cursou Jornalismo. Dedicou sua carreira como bibliotecário a trabalhar com a mediação da leitura literária, com a promoção de eventos literários e projetos junto a bibliotecas comunitárias. Em 2015, quando cursava o Mestrado em Biblioteconomia, após pesquisar o mercado editorial e perceber a reduzida presença dos autores negros na cena literária, convidou o amigo Francisco Jorge, gestor de projetos sociais, para criar a **Editora Malê**, inaugurada, naquele ano, com a publicação de um livro da escritora mineira Conceição Evaristo. Atualmente, Vagner Amaro cursa o Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidades, na PUC-Rio, e é colunista da Revista Biblio – Cultura informacional. Em dezembro de 2018, pela Malê, ele publicou o primeiro livro de sua autoria, *Eles*, uma coletânea de contos que abordam os dilemas da masculinidade. Diariamente, Vagner segue em sua batalha para que outras vozes sociais ocupem a cena literária brasileira, marcadamente pouco diversa.

## ENTREVISTA

**Conexão Literatura:** A editora Malê publica literatura afro-brasileira com o objetivo de colaborar com a ampliação da diversidade do mercado editorial brasileiro. Quantos autores já passaram pela casa? Poderia citar alguns nomes?

**Vagner Amaro:** Até o momento, editamos cerca de cem autores em obras individuais e coletivas. No início, focamos exclusivamente na obra de autoras e autores negros, pelo desejo urgente de mudar um cenário que, naquele momento, julgava desfavorável para esses escritores – negros e negras. Hoje, aos poucos, estamos ampliando nosso foco. Editamos escritores e escritoras brasileiros que já possuem uma carreira consolidada, mas que merecem, pela qualidade literária do que apresentam, ampliar a repercussão de suas obras, como o Éle Semog, o Cuti Silva, a Miriam Alves, a Lia Vieira, a Geni Guimarães... Editamos escritores e escritoras que começaram a publicar um pouco depois destes que citei, como a Elisa Lucinda, a Cristiane Sobral, a Lívia Natália e a Cidinha Silva; e também investimos em escritores que estavam começando a publicar, como a romancista Eliana Alves Cruz, as poetas Meimei Bastos e Letícia Brito e o afrofuturista Fábio Kabral. Outros focos são os autores da literatura infantil, os pesquisadores sobre leitura e literatura e os jovens escritores e escritoras, que contemplamos por meio do Prêmio Malê de Literatura. A primeira escritora que editamos foi a Conceição Evaristo, de quem já publicamos três livros e publicaremos outros. Em coletâneas, editamos escritores como o Mia Couto, o

Miguel Sanches Neto, o João Anzanello Carrascoza e o Marcelo Moutinho. Publicamos obras individuais de escritores negros dos países africanos, como o Alain Mabanckou, do Congo, a senegalesa Fatou Diome e o Dany Wambire, de Moçambique. Em junho, completamos três anos de publicações. A Malê vem crescendo para se tornar uma editora média, porém, mantendo seu foco na literatura brasileira e na dos países africanos.

**Conexão Literatura:** Poderia comentar sobre o Prêmio Malê de Literatura?

**Vagner Amaro:** A proposta inicial do Prêmio Malê de Literatura foi criar uma associação positiva e imagética para jovens negros. Compreendi que a literatura poderia ter esse efeito. Junto a essa proposta, havia o desejo de estimular a escrita e a leitura literária nos jovens, potencializar os que já escreviam, mas não tinham para quem mostrar os seus textos, e ainda o desejo de ser uma porta de entrada para jovens escritores negros no mercado editorial de uma forma profissional. Hoje, alguns dos vencedores do prêmio – como o Gabriel Sâmpera – já têm suas publicações individuais. Atualmente, preparo a publicação de um livro de contos do Ronald Lincoln, finalista da edição 2018, e um livro infantil da Helena Vitória, vencedora da edição 2018 do prêmio. E, a cada ano, publicamos um livro com dez contos dos vencedores e finalistas do prêmio. O Prêmio Malê de Literatura inclui ainda oficinas de escrita literária, para que os candidatos possam aprimorar seus textos.



Vagner Amaro e Conceição Evaristo

**Conexão Literatura:** E sobre a nova revista literária Mahin, que a Malê lançou neste ano?

**Vagner Amaro:** A Revista Mahin foi criada para ser um canal de divulgação da Literatura negro-brasileira. Pela revista, livreiros, distribuidores, professores, mediadores de leitura e leitores terão informações sobre o que foi publicado por escritoras e escritores negros. A periodicidade é quadrimestral, é uma revista online e gratuita.

**Conexão Literatura:** A Malê também promove festas literárias. Existe alguma festa programada para esse ano?

**Vagner Amaro:** Realizamos algumas edições da nossa festa literária. Este ano, planejamos realizar uma edição escolar da festa, para receber estudantes do

ensino fundamental e médio, seus professores, e colocá-los em diálogo com os autores e temas que publicamos.

**Conexão Literatura:** Quais as normas e como os autores interessados deverão proceder para submeter um original para avaliação da Malê?

**Vagner Amaro:** Recebemos material durante o ano todo. O e-mail para envio é [originais@editoramale.com.br](mailto:originais@editoramale.com.br). O material recebido é avaliado a partir de novembro e, no ano seguinte, fazemos contato com os autores.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Vagner Amaro:** Estamos iniciando a comercialização do nosso catálogo em e-book e desenvolvendo um material de apoio para professores que queiram fazer uso dos nossos títulos nas escolas. Na lista de publicações que serão lançadas posso destacar o livro infantil Bucala: a princesa guerreira do Cabula, de Davi Nunes, e Amor e outras revoluções, Grupo Negrícia: antologia poética, organizado por Éle Semog. Esse livro vai reunir poemas de Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, Éle Semog, Salgado Maranhão, entre outros e outras grandes poetisas.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** Os dragões não conhecem o paraíso, de Caio Fernando Abreu.

**Um (a) autor (a):** Quatro: Murilo Rubião, Conceição Evaristo, Cuti e Marcelo Moutinho.

**Uma cantora ou cantor:** Leny Andrade e Ed Motta.

**Um ator ou atriz:** Sonia Braga

**Um filme:** Amor em 5 tempos, do François Ozon

**Um dia especial:** Um fim de tarde em que passei no Musée Rodin, em Paris.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Vagner Amaro:** Que cada leitor encontre o seu livro e que cada livro encontre o seu leitor. É uma adaptação de duas leis da Biblioteconomia (leis de Ranganathan), que dialogam diretamente com meu trabalho como editor, que é o de democratizar as literaturas que muitos dos operadores do mercado editorial se acostumaram a marginalizar.



**Vagner Amaro na Biblioteca da Escola Sesc de Ensino Médio**

**ACESSE:**

[www.editoramale.com](http://www.editoramale.com)



# POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

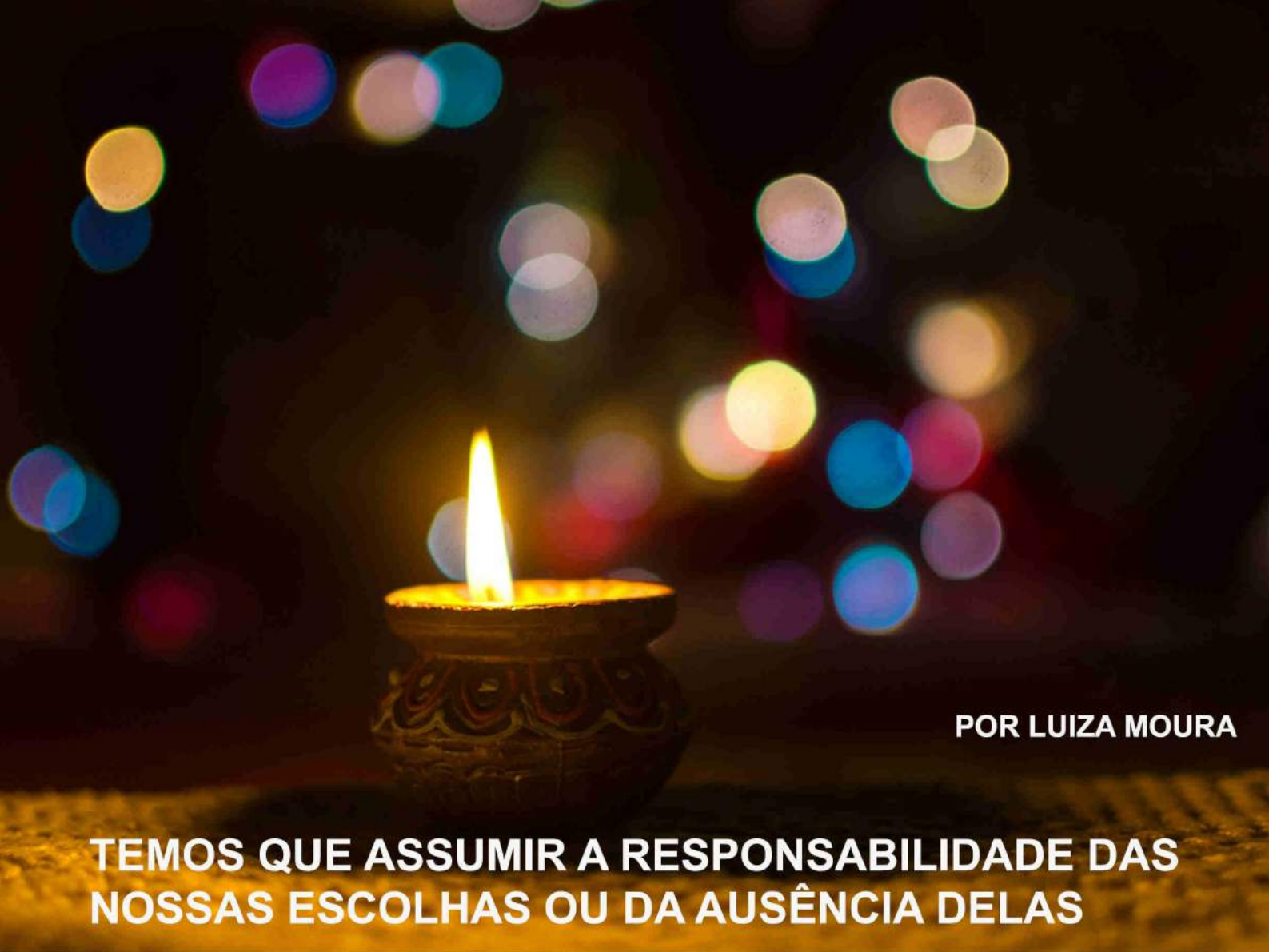
VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO  
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS  
COMPROMISSO E SERIEDADE  
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 62 MIL CURTIDAS  
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES  
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES  
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Divulgação de escritores e editoras  
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



POR LUIZA MOURA

## TEMOS QUE ASSUMIR A RESPONSABILIDADE DAS NOSSAS ESCOLHAS OU DA AUSÊNCIA DELAS

**Crônica**

---

**O** pensador francês Jean-Paul Sartre, principal nome da filosofia existencialista traz em seu livro “L’Être et le Néant” (O Ser e o Nada): “(...) Estou condenado a ser livre. Isso significa que não se poderia encontrar para a minha liberdade outros limites senão ela mesma. (...)”. Sem aprofundar muito em todos os conceitos filosóficos, ele tenta mostrar que a realização do homem é definida por suas ações e essas são de sua total responsabilidade tanto para o bem quanto para o mal.



**Luiza Moura**

### **Nós escrevemos a nossa história!**

Somos autores do nosso destino, embora quase sempre tentemos fugir às nossas responsabilidades. Ou ainda de forma mais profunda ele nos mostra que primeiro existimos e quanto a isso não podemos escolher onde, como ou quando vamos nascer, mas dar um significado à nossa existência é responsabilidade nossa: Somos obrigados a conduzir a nossa liberdade de escolha e colheremos sempre os frutos do que plantarmos.

### **Não culpe os outros, assuma os seus atos!**

Os existencialistas negam que exista Deus ou natureza para culpamos caso fracássemos. No entanto eu não acredito que devamos pensar de forma tão extremista. Não precisamos necessariamente negar a existência de Deus, apenas precisamos assumir a responsabilidade pelos nossos atos. Muitas vezes atribuímos a Deus ou aos outros os resultados dos nossos fracassos ou da nossa inércia. São comuns frases como:

“...Eu tomei essa decisão porque você me obrigou a fazer assim...”

“...Eu não podia fazer nada porque você não me deu escolhas...”

“...Eu simplesmente entreguei nas mãos de Deus, porque Ele sabe o que faz...”

“...Se eu agir dessa forma como você agirá?...”

“...Acho que Deus não quis...”

### **Deus existe sim, mas a sua vida é responsabilidade sua!**

Volto a dizer, eu realmente acredito na presença de Deus nas nossas vidas e, isso realmente é uma opinião bem pessoal. No entanto o que defendo aqui é que não devemos usar nem mesmo Ele como “muletas” ou desculpas para escolhas que só cabem a nós mesmos. Ele nos presenteou com as nossas vidas e a nós cabe atitude, coragem e força para conduzir tudo da melhor maneira possível, não podemos culpar os outros por nossos erros.

É certo que a liberdade de escolha também pode gerar muita angústia. Não ter a quem culpar por nossas falhas nos torna mais vulneráveis, frágeis e por vezes até mesmo impotentes, mas não assumir a nossa responsabilidade é apenas uma maneira de tentar nos



enganar e de fugir à nossa consciência. O homem jamais poderá optar por não ser livre, pois no fim das contas até não escolher alguma coisa já é uma escolha.

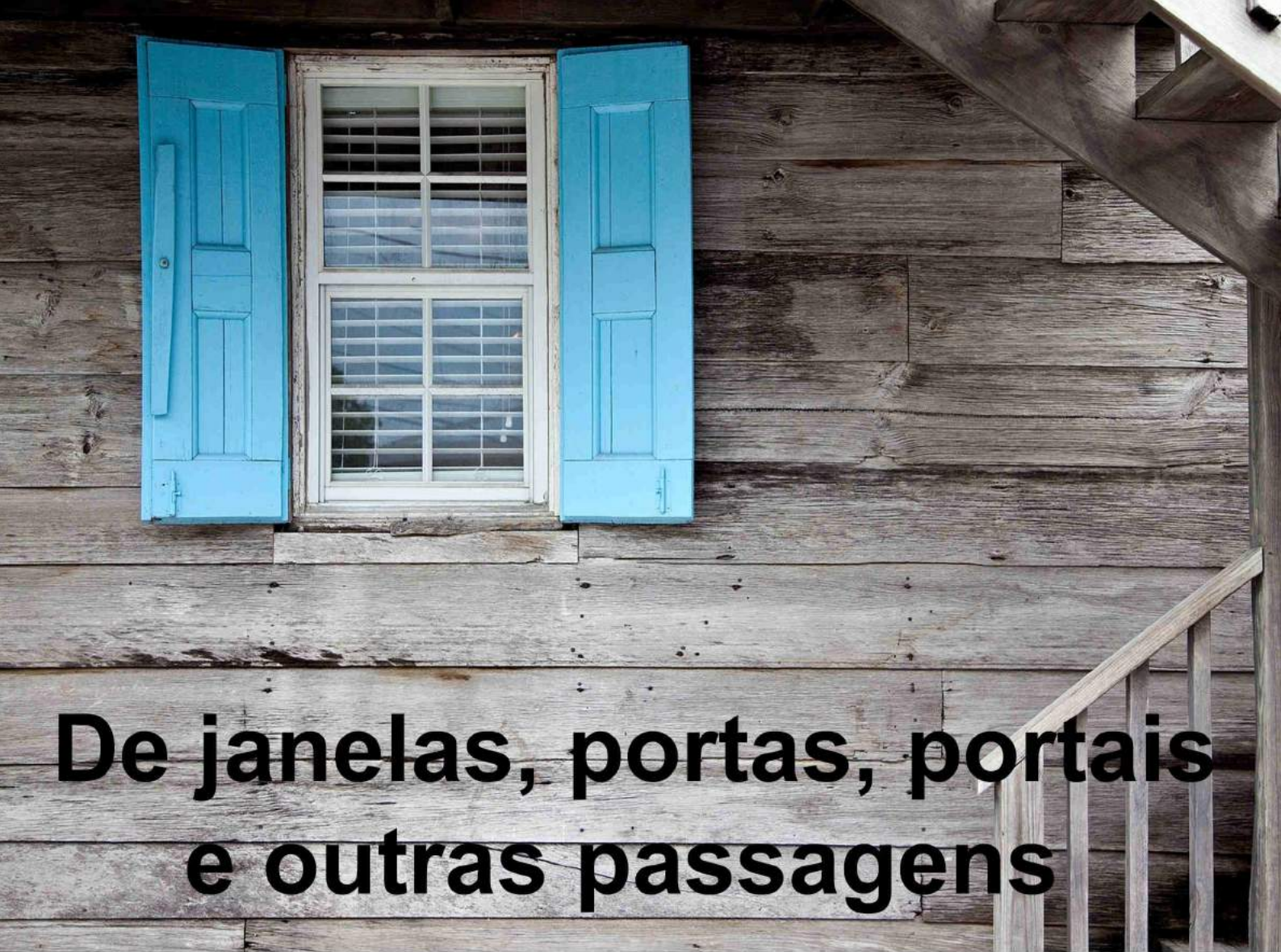
### **Devemos assumir autoria da nossa própria história!**

A nossa felicidade está sempre em nossas mãos. O caminho não é linear, seguimos errando e aprendendo, caindo e levantando e, ao escolhermos um caminho deixamos tantos outros para

trás. Perdemos algumas coisas, ganhamos outras, ferimos algumas pessoas enquanto outras ficarão felizes. Mas o que não podemos mesmo é ter medo de arriscar seguir em frente com a liberdade e as consequências desta.

Falamos tanto em liberdade todos os dias, até falamos em lutar por ela, mas quem está realmente preparado para ser livre? Fica aqui meu questionamento.

**Luiza Moura de Souza Azevedo** é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Chanceler Honorária da Sociedade Filosófica Ateniense na Cidade de Feira de Santana. Publicou pela editora Mente Aberta o livro *Bordejos Poéticos* em conjunto com outros escritores e participou também do Livro: *Antologia Poesia Agora*, editora Trevo, São Paulo e do Livro “Amor é o que nos faz gigantes, do Concurso da Farmácia Pague Menos. Tem participações confirmadas em outras antologias. Instagram: @luiza.moura.ef



# De janelas, portas, portais e outras passagens

Por Gilmar Duarte Rocha

**Crônica**

---

**J**anela hoje está na moda. Aliás, várias janelas, como em todo aplicativo de mídia digital que a gente acessa. Para ler um e-book; para pagar a conta no banco através do aparelho celular; para extrair ou enquadrar uma fotografia; para reservar uma passagem aérea; para selecionar o quarto mais adequado da estalagem; para seletar o carro melhor apropriado para utilizar em outro estado ou país; para ver as características do filme ou disco que se está namorando em adquirir no futuro, enfim têm-se que trafegar em janelas, janelas e janelas. Às vezes, em alguns sites na internet, a gente se perde em transitar por tantas janelas, que se explodem na sua tela como botão que desabrocha em várias flores. Janela se tornou símbolo de passagem para o futuro. Mas, pensando bem, janela é passagem? Em outros tempos janela não tinha essa acessibilidade toda. O que dizer da Carolina que escolheu guardar as

dores do mundo estacada no batente de uma janela e não viu que o tempo passava. O personagem Jeffries do filme “Janela indiscreta”, de Hitchcock, enquanto restabelecia-se de um trauma na perna, aproveitou a ociosidade para bisbilhotar vidas alheias no prédio vizinho usando um binóculo e terminando por desvelar um crime acidentalmente. “A mulher na janela”, best-

seller de A.J.Finn, que virou filme e faz muito sucesso agora, conta a história da personagem Anna Fox, que passa por problemas psicológicos e vai viver a vida em uma janela tentando capturar a vida alheia em seu entorno e termina também descobrindo que aconteceu um crime na vizinhança. Só que dessa vez, diferentemente da personagem Jeffries de James Stewart, ninguém, nem mesmo a polícia, acredita que realmente ocorreu um homicídio. Até ela mesma começa a duvidar que aquilo possa ter acontecido de fato.

Janela, em outras épocas, sempre foi sinônimo de constrição, de restrição, de repressão, de detenção, e de outros termos afins.

Em tempos de antanho, ao se construir uma casa, mormente uma vila, uma mansão, projetava-se o número de portas que a residência deveria ter. Quanto mais portas a propriedade tivesse, mais sofisticada, chique e valiosa ela era. Janelas? Bah! Bastava colocar uma seteira em cada quarto que estava de bom tamanho. Se a filha preciosa da família tivesse o desejo de ter uma abertura externa no seu quarto para poder contemplar a natureza, a alvorada, os pássaros, os lírios do campo, o patriarca da família satisfazia o ego da Rapunzel mandando construir um balcão, que tinha mais significado de trampolim para suicídio (ou ataque fortuito de algum Don Juan) do que de mirante de contemplação.

Tribunais cercavam-se de portas (exceto para a dependência do réu, é lógico, que após o julgamento, veria o sol nascer quadrado através de uma pequena abertura na parede); a câmara legislativa da cidade tinha porta até onde não deveria ter, até mesmo no ambiente subalterno onde os ardis e artimanhas eram traçados; as igrejas cercavam-se de portas em todos lados, ângulos e vértices. Porta principal para o cristão fazer a mandatória benzedura; porta lateral para o fiel (nem tanto fiel assim) que saía, cartesianamente falando, pela tangente, para tomar um trago no bar ao lado, enquanto o padre engolia uma taça de vinho batizado na hora da eucaristia; porta dos fundos para uma possível fuga de um sacerdote acuado pela milícia pretoriana que o julgava comunista, ou por um grupo de trotskistas que o reputava como

reacionário, conservador ou discípulo da astúcia de Richelieu ou do cardeal Mazarino.

Agora não se fala mais em janelas e portas; fala-se em portais. Não os portais que se encaixam na sua etimologia original que consistia nos imensos pórticos, portas amplas dos templos da Antiguidade. Portal virtual. Sim. Passagens para o futuro, para outra dimensão ou para um lugar remoto, onde a pessoa para adentrar nessa portela futurística, carecerá, apenas, mineração de seus bitcoins; encaixar a íris dos olhos no aparelho sensor para obter o bilhete holográfico e cruzar uma tela virtual rumo ao Novo Éden.

**Janela, portais e portas.** Não importa a abertura. Em qualquer tempo, em qualquer lugar, em qualquer dimensão, ela terá serventia, de fato, se estiver aberta. E aberta para todos se for uma passagem de um estabelecimento público, não importando cor, raça, credo, sexo e opinião.



**Gilmar Duarte Rocha**, escritor brasileiro, nascido na região cacauêira da Bahia, autor de obras de ficção, livro de impressões de viagem, artigos, crônicas e coletâneas publicadas em diversas revistas literárias, propõe-se a criar um novo estilo de fabulações, juntamente com outros artistas que conjugam do mesmo pensamento. Integrante da ANE-Associação Nacional de Escritores e IWA-Associação Internacional de Escritores, sediada em Ohio, Estados Unidos, está aberto a ideias que promovam uma maior integração da sociedade com os livros e com a mídia de ficção de forma ampla. Nosso objetivo maior é trazer uma gama de milhões de brasileiros para o universo literário. Gilmar tem formação em Engenharia de Sistemas, Tecnologia da Informação, Economia e Contabilidade.



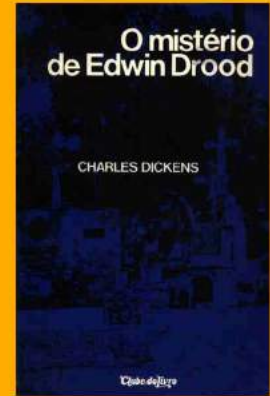
**Educação, Lúdico e Favela**  
Jonathan Aguiar

Acesse



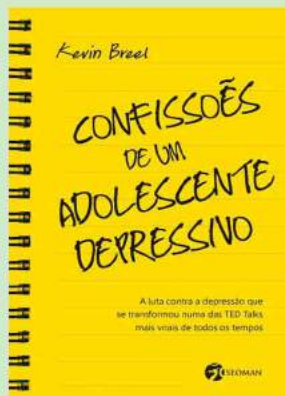
**Igreja da Vila**  
Victor Fabiano

Acesse



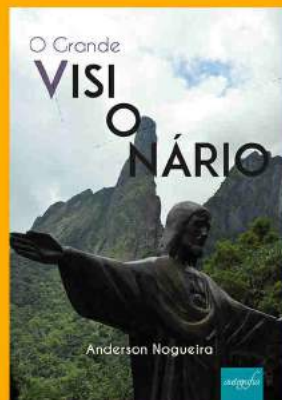
**O Mistério de Edwin Drood**  
Charles Dickens

Acesse



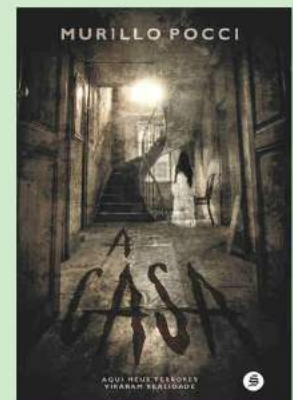
**Confissões de um Adolescente Depressivo**  
Kevin Breel

Acesse



**O Grande Visionário**  
Anderson Nogueira

Acesse



**A Casa**  
Murillo Pocci

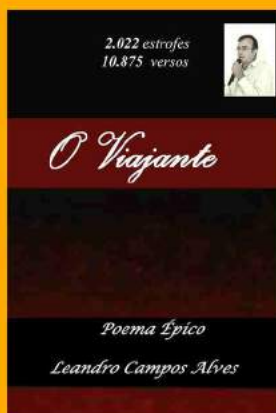
Acesse

*“A leitura engrandece a alma.”*  
– Voltaire

Veja mais dicas de livros em nosso site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)







**O Viajante**  
Leandro Campos Alves

Acesse



**A Ponte Entre Os Dois Mundos**  
Wallace William de Sousa

Acesse



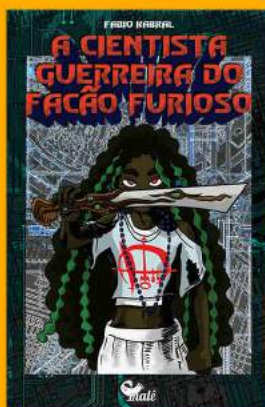
**Lugar Cheio de Rãs**  
Celina Moraes

Acesse



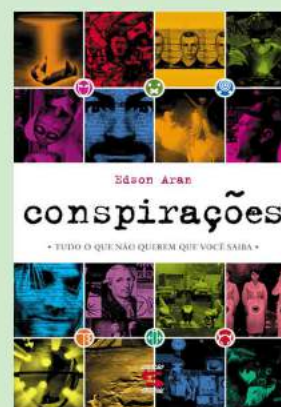
**Coração de Aço**  
Brandon Sanderson

Acesse



**A Cientista Guerreira do  
Facão Furioso**  
Fabio Kabral

Acesse



**Conspirações**  
Edson Aran

Acesse

*“A leitura torna o homem completo; a conversação torna-o ágil; e o escrever dá-lhe precisão.”*  
– Francis Bacon

Veja mais dicas de livros em nosso site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# conexão Literatura

## Nossos Parceiros:

[www.livrodestaque.com.br](http://www.livrodestaque.com.br)

Grupo no Face: My Books

[travelingbetweenpages.blogspot.com.br](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br)

[dose-of-poetry.blogspot.com.br](http://dose-of-poetry.blogspot.com.br)

[dailyofbooks.blogspot.com.br](http://dailyofbooks.blogspot.com.br)

[suka-p.blogspot.com.br](http://suka-p.blogspot.com.br)

[www.divulgalivros.org](http://www.divulgalivros.org)

[tomoliterario.blogspot.com.br](http://tomoliterario.blogspot.com.br)

[www.bookstimebrasil.com.br](http://www.bookstimebrasil.com.br)

[www.sugestoesdelivros.com](http://www.sugestoesdelivros.com)

Grupo no Face: Os Escritores

[www.encantoliterario.com.br](http://www.encantoliterario.com.br)

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

[www.livreando.com.br](http://www.livreando.com.br)

[coleccionadoromances.blogspot.com.br](http://coleccionadoromances.blogspot.com.br)

[ateultimapagina.wordpress.com](http://ateultimapagina.wordpress.com)

[literaleitura2013.blogspot.com](http://literaleitura2013.blogspot.com)

[www.literagindo.com.br](http://www.literagindo.com.br)

[www.estantedowilson.com.br](http://www.estantedowilson.com.br)

[miriammorganuns.blogspot.com.br](http://miriammorganuns.blogspot.com.br)

[esoportunovagao.blogspot.com.br](http://esoportunovagao.blogspot.com.br)

Grupo no Face: Notícias Literárias

[www.cafeinaliteraria.com.br](http://www.cafeinaliteraria.com.br)

[www.sonhandoatravesdepalavras.com.br](http://www.sonhandoatravesdepalavras.com.br)

Grupo no Face: Livro Destaque

[www.submersaempalavras.com](http://www.submersaempalavras.com)

Curta nossa Fanpage:  
[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)





# Noções teórico-práticas de Direito Educacional na escola brasileira de educação infantil e de ensino fundamental e médio: ensinando-e-aprendendo direitos e deveres

por Marcos Pereira dos Santos; Ananias Pereira dos Santos e Jacqueline Elisa Mazzur Andreatta

## Artigo Científico

---

### **Direito! Educação! Direito Educacional!**

Mas: Onde? Como? Quando? Para quê? Para quem?

Com base em tais indagações reflexivas preliminares, o presente artigo acadêmico-científico tem como finalidade principal trazer a lume alguns (breves) apontamentos concernentes às noções teórico-práticas basilares de Direito Educacional que *podem* e *devem* permear as grades curriculares das escolas brasileiras de Educação Infantil, de Ensino Fundamental I e II (atual Ensino Fundamental de Nove Anos) e de Ensino Médio em geral, especificamente no contexto do processo ensino-e-aprendizagem – dimensão *dodiscente* (FREIRE, 2000) de direitos e deveres sociais fundamentais, individuais e coletivos que assistem a todos os cidadãos (homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos).

O Direito, entendido na concepção de Cotrim (1996, p.14), como o “[...] conjunto de regras obrigatórias que disciplinam a convivência social humana”, e também como Ciência de cunho teórico e prático, remonta aos primórdios da humanidade, mais notadamente entre as civilizações grega e romana, no século V a. C., expandindo-se assim, em diferentes tempos históricos e de distintas formas, mundo afora.

Não existe Direito sem sociedade e, conseqüentemente, sem cidadãos e cidadania. O Direito, grosso modo, assiste a todas as pessoas (independente de gênero, sexo, cor, raça, etnia, crença, *status* social, profissão, condição econômica, grau de escolaridade, etc.), assegurando às mesmas, à luz do Poder Judiciário, da justiça e de legislações vigentes, vários direitos e deveres (sociais fundamentais, individuais e coletivos) que devem ser cumpridos para a organização, harmonia e boa convivência social.

Consoante à atual Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), promulgada em 05 de outubro de 1988, se estabelece que em termos de direitos individuais e coletivos:

Art. 5º – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. (BRASIL, 1988)

Nesse sentido, portanto, são considerados direitos sociais fundamentais:

Art. 6º – São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988)

Em linhas gerais, o Direito existe, dentre outras funções, para disciplinar o comportamento humano na sociedade, no intuito de evitar todo e qualquer tipo de violência (física, psicológica, simbólica, sexual, racial, ética, moral, patrimonial, de gênero, direta, indireta, *bullying*, *ciberbullying*, dentre outras); coibir abusos e maus atos contra pessoas (físicas e jurídicas), bens e patrimônios (públicos e privados); punir de diversos modos os réus considerados culpados (processos jurídicos, condenações, cassações, prisões, etc.); proteger as vítimas de agressores e meliantes em geral; coagir por meio de força policial (civil, militar e federal) pessoas que, por má-fé, provocam desordens sociais (crimes, roubos, furtos, estelionatos, pichações, depredações, vandalismos, etc.); mediar conflitos; e resolver/solucionar os mais diferentes tipos de problemas que assolam a sociedade civil organizada, seja nas esferas familiar, penal/criminal, trabalhista, previdenciária, educacional, constitucional e em inúmeras outras.

É fato que o Direito, pois, não se restringe somente a isto, indo muito mais para além do que a nossa vã consciência possa imaginar ou almejar, haja vista que a área do Direito é bastante ampla, subdividindo-se em vários sub-ramos, tendo, portanto, muitos campos de abrangência e atuação social, tais como: Direito Militar, Direito Educacional, Direito Penal, Direito de Família, Direito Constitucional, Direito Econômico, Direito do Trabalho, Direito Previdenciário, Direito das Relações Internacionais, Direito Midiático, Direito Comercial, Direito Ambiental, Direito Tributário, Direito Eleitoral, Direito Esportivo, Direito Civil, Direito Administrativo, etc.;

subáreas estas em que desenvolvem atividades laborais diversos operadores/profissionais do Direito (ministros, desembargadores, procuradores, juízes, promotores de justiça, defensores públicos, delegados de polícia, advogados, conselheiros tutelares, conciliadores jurídicos, peritos, investigadores, detetives particulares, policiais (civis, militares e federais), carcereiros, agentes de segurança, dentre outros), os quais exercem autoridade legal/jurídica que lhes fora outorgada e legitimada mediante muitos estudos acadêmico-científicos, aprovações em concursos públicos e/ou competências profissionais latentes (profissionalismo).

Há uma vasta tipologia de modalidades de Educação, ou melhor, de Educações, conforme assevera Brandão (1981), quais sejam, por exemplo: escolar, não escolar, sistemática, assistemática, matemática, estatística, histórica, geográfica, sociológica, antropológica, filosófica, psicológica, artística, religiosa, ambiental, financeira, empreendedora, social, no/do campo, presencial, semipresencial (ou híbrida), a distância *on-line* (EaD), formal, informal, não formal (BRANDÃO, 1981; LIBÂNEO, 1999), dentre outras; as quais se apresentam, no Brasil, tanto na escola de Educação Básica – que engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental (I e II) e o Ensino Médio, de acordo com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu Artigo 21, Inciso I (BRASIL, 1996) – quanto na Educação Superior sob a forma de disciplinas curriculares (obrigatórias [de núcleo comum ou em parte diversificada], eletivas ou optativas); conteúdos curriculares programáticos; temas livros literários, didáticos, paradidáticos e de trabalhos acadêmico-científicos (resumos, resenhas, *papers*, relatórios de estágios curriculares supervisionados, portfólios, entrevistas dirigidas, projetos educativos interdisciplinares, planejamentos escolares, planos de aulas, fanzines, ensaios e artigos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), monografias de cursos de pós-graduação *lato sensu* (especializações) e de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (dissertações de mestrado e teses de doutorado, pós-doutorado (PhD) e livre-docência) ou ainda como assuntos a serem abordados em diferentes eventos científicos de pequeno, médio ou grande porte, a saber: palestras, oficinas pedagógicas, cursos, minicursos, congressos, simpósios, seminários, encontros temáticos, feiras científicas, mostras literárias, *workshops*, mesas-redondas, colóquios, conferências, varais literários, exposições artísticas de viés literário-cultural, peças teatrais, rodas de conversas, etc.

Posto isto, faz-se profícuo salientar que a justiça é, segundo Santos e Feliz (2018), um dos ‘braços’, um dos (sus)tentáculos do Direito, de modo que ambos caminham juntos, lado a lado (alados). O Direito não subsiste sem a justiça, e vice-versa. Existe entre eles uma relação umbilical, uma conexão indissociável.

Sendo o Direito Educacional, em específico, uma das subáreas da Educação e do Direito, concomitantemente, corroboramos com Ribeiro (2009) e Joaquim (2011) ao postularem de maneira enfática que algumas noções teóricas e práticas basilares sobre este sub-ramo devem ser ensinadas e aprendidas de modo eficaz, eficiente e significativo na atual escola brasileira de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e Médio, no tange aos direitos e deveres (sociais fundamentais, individuais e coletivos) atinentes a todo e qualquer cidadão brasileiro. Não se trata, pois, de abordar temas/assuntos complexos e aprofundados tais como os trabalhados nos cursos superiores de Bacharelado em Direito.

O que sugerimos é que apenas sejam dadas ideias gerais, preliminares e iniciais sobre Direito (direitos e deveres dos cidadãos em sentido amplo), a fim de que os sujeitos sociais possam exercer com (cons)ciência, dignidade e de forma plena/integral a sua cidadania na sociedade de classes sociais antagônicas (elite/burguesia/classe dominante *versus* proletariado/classe dominada).

Portanto, na escola brasileira de Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica (Artigo 29 da LDBEN/96), a qual abarca crianças de zero até três anos de idade, em creches ou entidades equivalentes, e também crianças de quatro a seis anos de idade, em pré-escolas, em conformidade com o Artigo 30, Incisos I e II, da LDBEN/96; respectivamente (BRASIL, 1996), consideramos ser relevante o(a) professor(a) deste nível de ensino abordar em aulas, de maneira deveras simples, descontraída e lúdica (leituras de histórias infantis, brincadeiras e jogos educativos), assuntos como: respeito, educação (no sentido literal do termo!), obediência às pessoas mais velhas ou experientes (pai, mãe, avós, tios, primos, professores, dentre outras), higiene, asseio pessoal, saudações (cumprimentos, agradecimentos, etc.), organização, disciplina, boa conduta, uso adequado do banheiro (vaso sanitário, chuveiro, papel higiênico, etc.), forma correta de se comportar à mesa (para tomar café da manhã, almoçar e jantar; utilização de talheres; etc.), pedir educadamente o que se deseja (sem discussões, gritos, berros, choros e/ou escândalos), amor ao próximo, amizade, coleguismo, amor à família (pais, irmãos, irmãs e demais parentes próximos), amor ao Brasil, dentre outros. Assim, recomenda-se que na Educação Infantil venham a ser realizados projetos educativos interdisciplinares e utilizados livros de literatura infantil, jogos lúdicos e brincadeiras, e que seja inserida uma disciplina curricular que pode ser nominada, por exemplo, de *Noções de Direito para Pequenos; Direito na Educação Infantil; Ensinando, Aprendendo e Brincando Direito; Os Pequenos em Seus Direitos e Deveres; Direito Para Infantes; Direito na/da Infância*; bem como demais nomes possíveis.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos, particularmente no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano – antiga 1ª a 4ª série do primário), poder-se-ia existir uma disciplina curricular chamada, por exemplo, de *Direito para Crianças I; Tópicos Iniciais de Direito I; Direito Fundamental I; Noções de Direito Fundamental I; Tópicos de Direito Básico I; Direito Escolar I; Elementos de Direito I; Direito Fundamental Escolar I*; dentre outras denominações. Neste nível de escolarização, faz-se salutar trazer à tona as seguintes temáticas curriculares: disciplina, ordem, respeito, obediência, normas/regras, família, amor à Pátria, amizade, coleguismo, Bandeira Nacional, Hino Nacional Brasileiro, organização, higiene, formas de tratamento pessoal, empréstimo e devolução, convívio social, zelo, meio ambiente, sociedade, trabalho, patrimônio histórico-geográfico, pontos turísticos locais, etc. Sugere-se, para tanto, o uso de livros didáticos e paradidáticos, cartilhas escolares, jogos educativos, brincadeiras lúdicas, exibição de filmes/vídeos didáticos, cartazes ilustrativos, reportagens de jornais e revistas, maquetes, móveis, livros de literatura infanto-juvenil, gibis, álbuns de figurinhas e outros recursos didático-pedagógicos.

Por sua vez, nas séries finais do Ensino Fundamental de Nove Anos, ou seja, no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano – antiga 5ª a 8ª série ginásial), é prudente a criação e implantação de uma disciplina curricular intitulada, por exemplo, de *Direito para*

*Crianças II; Tópicos de Direito II; Direito Fundamental II; Noções de Direito Fundamental II; Tópicos de Direito Básico II; Direito Escolar II; Elementos de Direito II; Direito Fundamental Escolar II;* dentre outras nomeações, a qual trabalhasse temas curriculares tais como: eleições, voto consciente, corrupção, cidadania, direitos e deveres civis, patriotismo, comportamento humano, princípios de conduta social, respeito, empatia, solidariedade, cooperação, amizade, amor ao próximo, relações familiares, regras/normas sociais, trabalho assalariado (formal, informal e não formal), violência, drogadição, títulos de capitalização, finanças, compra e venda, turismo local e regional, formas de Governo, Bandeiras Nacionais, Forças Armadas, Hinos Nacionais, higiene e saúde, multiculturalismo, fauna e flora, militarismo, Poderes Executivo/Legislativo/Judiciário, etc. Para isso, é possível o docente utilizar materiais didáticos como apostilas escolares, livros didáticos e paradidáticos, filmes/vídeos educativos, reportagens, jogos lúdicos, *sites* de *internet*, textos didáticos avulsos, livros de literatura juvenil e demais recursos similares.

Nos cursos de formação geral e técnico-profissionalizantes de Ensino Médio, que consiste na etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, segundo reza o Artigo 35 da atual LDBEN/96 (BRASIL, 1996), recomenda-se que sejam tratados dos seguintes conteúdos curriculares programáticos: cidadania, socialização, sociabilidade, empreendedorismo, *bullying* e *ciberbullying*, drogadição, noções de criminologia, direitos dos consumidores, plágio, direito autoral, Educação Ambiental, raça e etnia, diversidade cultural, relações de gênero, ciberespaço, tecnologias midiáticas, globalização/mundialização, ética, assédio moral e sexual, Lei Maria da Penha, reforma trabalhista e previdenciária, subemprego e desemprego, exploração do trabalho infantil, tráfico de pessoas, homossexualidade, furto, roubo, leis municipais e estaduais, patriotismo, militarismo, partidos políticos, Educação Financeira, Educação Patrimonial, redes sociais, matrimônio/contrato de união estável, alcoolismo, gravidez precoce, métodos anticoncepcionais, direitos sociais fundamentais, tipos de Estado e suas funções, deveres sociais, relações interpessoais, internacionalização, dentre outros temas atuais, polêmicos e emergentes. Para tanto, a disciplina curricular a ser inserida neste nível de ensino poderia, por exemplo, assim ser denominada: *Direito para o Ensino Médio; Noções Gerais de Direito para o Ensino Médio; Temas de Direito para o 2º Grau; Noções Básicas de Direito para o Ensino Secundário; Tópicos Básicos de Direito para a Escola de Ensino Médio; Direito Educacional para o Ensino Médio; Fundamentos de Direito para o Ensino Médio; Direito e Ensino Médio; Direito no Ensino Médio; Direito Escolar para o Ensino Médio; Direito Educacional Escolar para o Ensino Médio;* etc. Nesse contexto, podem ser utilizados diferentes recursos didáticos, a saber: livros de literatura juvenil, livros didáticos e paradidáticos, apostilas escolares, manuais ilustrativos, cartilhas explicativas, filmes e vídeos educativos, minisséries, reportagens de jornais e revistas, fanzines, *cartuns*, tirinhas, charges, *sites* de *internet*, *blogs*, poemas/poesias, trovas, crônicas, textos científicos avulsos, portfólios, palestras e entrevistas gravadas, músicas nacionais alusivas aos direitos e deveres sociais, cartazes explicativos, *slides* de projeção em aparelho multimídia, bem como tantos outros que se fizerem necessários e pertinentes.

Sem mais delongas, almejamos sinceramente que este artigo científico possa, de modo direto ou indireto, contribuir de forma teórico-prática para a complementação dos estudos científicos já desenvolvidos acerca da temática em foco, bem como auxiliar aos

profissionais da educação em geral, especificamente os docentes das áreas de Língua Portuguesa, História, Estudos Sociais, Filosofia e Sociologia, a abordar em suas aulas algumas noções básicas de **Direito Educacional Escolar** no que tange aos direitos e deveres (sociais fundamentais, individuais e coletivos) dos cidadãos e demais assuntos congêneres.

### **Referências:**

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Diário Oficial da União, de 05/10/1988.

\_\_\_\_\_. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

COTRIM, G. V. **Direito e legislação: introdução ao Direito**. 19.ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

JOAQUIM, N. **Direito educacional brasileiro: história, teoria e prática**. São Paulo: Livre Expressão, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, L. L. G. **Direito educacional: educação básica e federalismo**. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

SANTOS, M. P.; FELIZ, P. N. A educação como direito social fundamental no Brasil: abordagens teórico-reflexivas sob a égide do Direito Constitucional e do Direito Educacional. In: **Revista Aporia Jurídica: Revista Jurídica do Curso de Bacharelado em Direito das Faculdades Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE)**. Ponta Grossa: Editora do CESCAGE, 9.ed. v.1, n.1, p.89-107, jan./jun., 2018.

**Marcos Pereira dos Santos** – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador em Educação. Ilustre literato profissional. Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível (inter)nacional. Professor universitário junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu*, nas modalidades presencial, semipresencial e a distância *on-line*, em Ponta Grossa/PR. *E-mail*: mestrepedagogo@yahoo.com.br

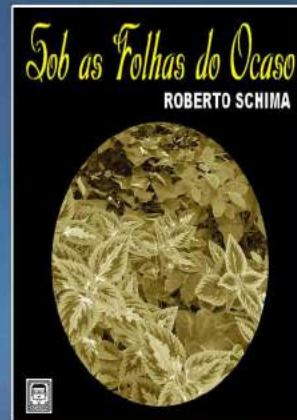
**Ananias Pereira dos Santos** – Brasileiro. Natural do município de Rio Pardo/MG. Técnico laboratorista de solos (aposentado), tendo exercido suas atividades profissionais em Ponta Grossa/PR, cidade na qual reside nos dias atuais. *E-mail*: ananias\_santos@outlook.com

**Jacqueline Elisa Mazzur Andreatta** – Brasileira. Natural da cidade de Curiúva/PR. Profissional da área administrativa hospitalar em Ponta Grossa/PR, município onde reside atualmente. *E-mail*: jacquelineemandreatta@ig.com.br



# Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

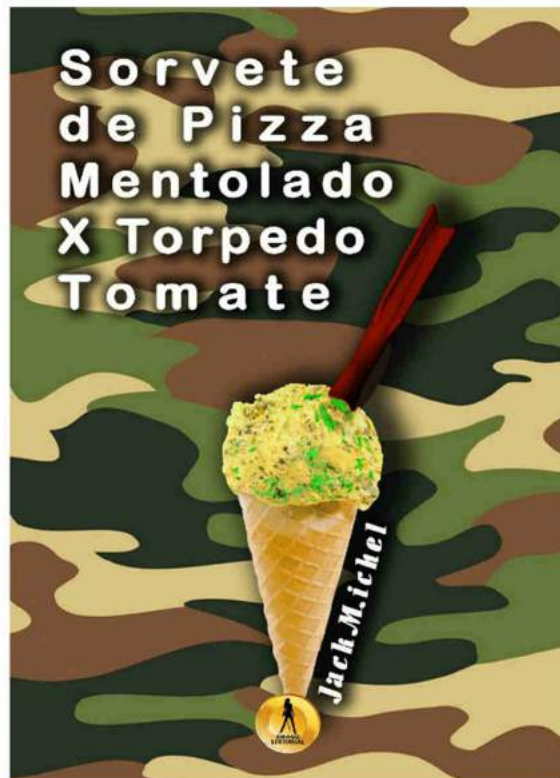
Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

PARA ADQUIRIR, ACESSE  
AMAZON - AGBOOK  
CLUBE DE AUTORES

# “Sorvete de Pizza Mentolado X Torpedo Tomate” de JackMichel foi inspirado em médico morto na Guerra do Vietnã



Por JackMichel A Escritora 2 Em 1

## Artigo

---

O livro “Sorvete de Pizza Mentolado X Torpedo Tomate” de JackMichel foi inspirado no médico Thomas Eugene Severson, morto na Guerra do Vietnã em 03/10/1970 na província de Thua Thien, no Vietnã do Sul.

Segundo a “Escritora 2 em 1” o médico cujo nome está no Vietnam Veterans Memorial, em Washington, D.C., United States, tinha 19 anos de idade quando morreu e seus amigos o apelidaram de "Doc". O especialista Thomas Eugene Severson serviu na sede e na sede da empresa, 1º Batalhão, 506º Regimento de

Infantaria, 101ª Divisão Aerotransportada, Exército dos Estados Unidos, Vietnã. Ele está enterrado no cemitério nacional de Fort Snelling, Minneapolis, MN seção P, local 1779 sob um carvalho.

A autora JackMichel teve a permissão de Lori, irmã de Tommy, para publicar foto dele nesta matéria. No Memorial da Guerra do Vietnã, o nome de Tom está localizado no Paineil 13W, Linha 107. Publicado pela Drago Editorial em 2016 “Sorvete de Pizza Mentolado X Torpedo Tomate” é uma narrativa tragicômica e

pitoresca sobre a Guerra do Vietnã que possui 104 páginas e traz cerca de 20 fotografias icônicas deste conflito:  
Fuzileiros navais dos EUA desembarcando em Da Nang, em 1965... William C. Westmoreland, comandante das tropas norte-americanas na Guerra do Vietnã, entre 1964 e 1968... Soldados americanos inspecionando vilas

vietnamitas... Fuzileiros navais feridos em Hué, 1968... Um bombardeiro B-66 e quatro F-105 Thunderchiefs lançando suas bombas em uma cidade no Vietnã do Norte... Manifestantes anti-guerra em frente ao Pentágono, 21 de Outubro de 1967... Soldados do Vietnã do Sul... US helicóptero Huey pulverizando Agente Laranja no Vietnã... entre outras.

### **Compre o livro na Livraria Drago Editorial**

<https://www.livrariadrageditorial.com/products/sorvete-de-pizza-mentolado-x-torpedo-tomate-jackmichel>

### **Assista ao booktrailer no YouTube**

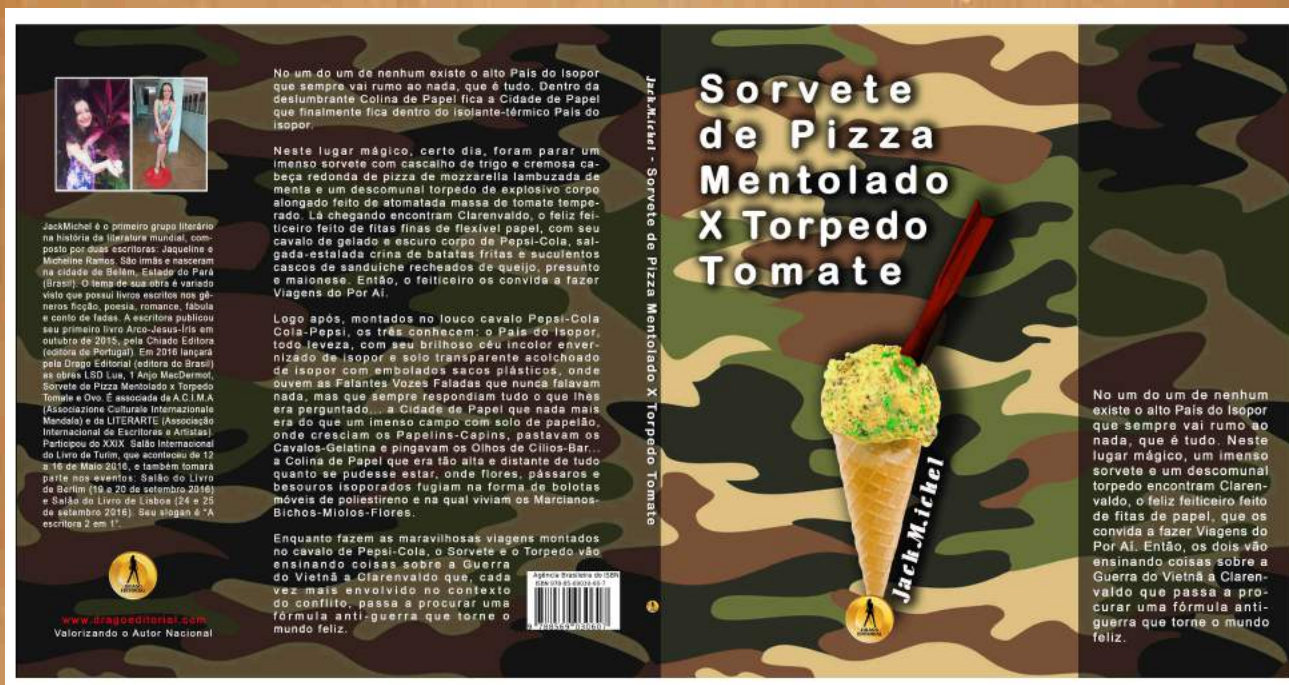
<https://www.youtube.com/watch?v=Zn5xRdnwJvQ&t=16s>

## **RELEASE “SORVETE DE PIZZA MENTOLADO X TORPEDO TOMATE”**

No um do um de nenhum existe o alto País do Isopor que sempre vai rumo ao nada, que é tudo. Dentro da deslumbrante Colina de Papel fica a Cidade de Papel que finalmente fica dentro do isolante-térmico País do isopor. Neste lugar mágico, certo dia, foram parar um imenso sorvete com cascalho de trigo e cremosa cabeça redonda de pizza de mozzarella lambuzada de menta e um descomunal torpedo de explosivo corpo alongado feito de atomatada massa de tomate temperado. Lá chegando encontram Clarenvaldo, o feliz feiticeiro feito de fitas finas de flexível papel, com seu cavalo de gelado e escuro corpo de Pepsi-Cola, salgada-estalada crina de batatas fritas e suculentos cascos de sanduíche recheados de queijo, presunto e maionese. Então, o feiticeiro os convida a fazer Viagens do Por Aí. Então, montados no louco cavalo Pepsi-Cola Cola-Pepsi, os três conhecem: o País do Isopor, todo leveza, com seu brilhoso céu incolor envernizado de isopor e solo transparente acolchoado de isopor com embolados sacos plásticos, onde ouvem as Falantes Vozes Faladas que nunca falavam nada, mas que sempre respondiam tudo o que lhes era perguntado... a Cidade de Papel que nada mais era do que um imenso campo com solo de papelão, onde cresciam os Papelins-Capins, pastavam os Cavalos-Gelatina e pingavam os Olhos de Cílios-Bar... a Colina de Papel que era tão alta e distante de tudo quanto se pudesse estar, onde flores, pássaros e besouros isoporados fugiam na forma de bolotas móveis de poliestireno e na qual viviam os Marcianos-Bichos-Míolos-Flores. Enquanto fazem as maravilhosas viagens montados no cavalo de Pepsi-Cola, o



Sorvete e o Torpedo vão ensinando coisas sobre a Guerra do Vietnã a Clarenvaldo que, cada vez mais envolvido no contexto do conflito, passa a procurar uma fórmula anti-guerra que torne o mundo feliz.



**Acesse a autora**

**Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1**

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

# Livro Destaque

Especialista em divulgação de  
Livros e Autores

**ACESSE**

**[WWW.LIVRODESTAQUE.COM.BR](http://WWW.LIVRODESTAQUE.COM.BR)**

# ENTREVISTA COM

## ROBERTO SCHIMA

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/61. Escreve contos, poemas e crônicas. Ilustrador de fanzines nos anos 90. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hiro-saki" (romance), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", da revista Conexão Literatura nº 37, em 07/18, a partir do que tornou-se um colaborador regular da revista. Informações sobre o autor: Google, Amazon.



Roberto Schima e Márcia Cristina Dias Schima

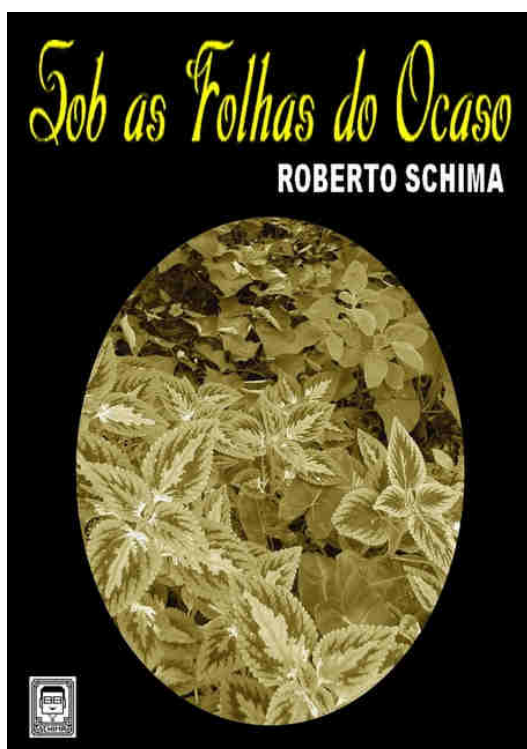
Por Ademir Pascale

### Entrevista com escritores

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Roberto Schima:** Em verdade, foi tardio e modesto. Eu gostava de escrever desde garoto, porém, nunca me dedicara com afinco à escrita. Um estímulo surgiu no início dos anos 80 ao adquirir os livros de Ray Bradbury: "Os Frutos Dourados do Sol" e "As Crônicas Marcianas", ambos do Círculo do Livro. Eu conhecera o autor ainda garoto, ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago", e admirara a mistura de lirismo e nostalgia de sua narrativa. Então, procurei exercitar-me nesse caminho. Na segunda metade da década em questão, com meus vinte e tantos anos, travei contato com um senhor, João Francisco dos Santos, o qual publicara o seu livro de poemas. Isso acendeu-me o desejo de ter o meu próprio livrinho em mãos. Reuni as histórias que tinha e, meio sem rumo, procurei informações sobre como proceder. Não tenho certeza de que forma, mas alguém indicou-me a editora Scortecci, em Pinheiros, e, através dela, em 1987, lancei o livro independente "Pequenas Portas do Eu", contendo dez histórias. Hoje, vejo-o com muitas reservas, repleto de

falhas gramaticais, tosco de um modo geral, mas, a seu tempo, representou muito para mim, e, a bem da verdade, continua a representar: a concretização de um sonho. Não obstante seus erros, há histórias que, a meu ver, continuam relevantes. Por exemplo, "A Árvore que Queria Voar" teve uma versão digital, publicada pela Virtualbooks. Pesquisando-se no Google, vejo que essa versão até hoje pode ser encontrada em vários sites pela Internet (Ex: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/pdf>



/00812.pdf ou <https://pt.scribd.com/doc/245129775/A-Arvore-Que-Queria-Voar>). Pouco depois do lançamento do "Pequenas Portas do Eu", tomei conhecimento do CLFC (Clube de Leitores de Ficção Científica). Associei-me a ele e passei a colaborar com o seu fanzine,

Somnium. Foi quando, alguns anos depois, apareceu o concurso de contos da "Isaac Asimov Magazine", do qual participei e tive a felicidade de ser o primeiro colocado.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “Sob as folhas do ocaso”. Poderia comentar?

**Roberto Schima:** Ultimamente, eu andava um tanto o quanto desmotivado em escrever. Fazia-o esporadicamente. No primeiro semestre de 2018, através de uma postagem no Facebook, tomei conhecimento de que a revista digital, "Conexão Literatura" estava promovendo um concurso de contos de ficção científica intitulado "Os Viajantes do Tempo". Eu desconhecía a revista e, a bem da verdade, eu não estava inspirado a compor nada de novo, exclusivo, porém - e felizmente - entre as histórias avulsas, havia uma que achei que poderia adequar-se ao tema. Chamava-se "Abismo do Tempo". Fiz uns retoque, enviei-a e continuei a tocar a vida. Qual não foi a minha surpresa, cerca de um mês depois, ao receber a notícia de que a mesma vencera o concurso! Fui tomado pela euforia, um sentimento que

não sentia havia décadas. O conto "Abismo do Tempo" foi publicado, na edição nº 37, em julho de 2018. Tudo isso representou um enorme incentivo e, desde então, passei a colaborar regularmente com a revista. "Sob as Folhas do Ocaso" reúne as histórias que saíram nela desde então, e mais algumas outras.

**Conexão Literatura:**

Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Roberto Schima:** A grosso modo, posso dizer que o livro formou-se desde julho de 2018, quando da edição nº 37 da "Conexão Literatura", até o início deste mês, quando decidi organizar os contos na revista a fim de lançá-los em um único volume. Há de se observar, contudo, que, acrescentei, por exemplo, a noveleta "Os Fantasmas de Vênus", cuja origem remonta ao início dos anos 90. No

que tange a pesquisas, histórias como "Quando um Universo Teve Fim" levaram-me a assistir a um documentário sobre o multiverso e a pesquisar alguma coisa na Internet.

"Despertar no Planeta Vermelho" seguiu caminho semelhante em relação à Marte. Para "A Floresta das Almas Perdidas" consultei alguns livros e a rede sobre a mitologia inuit. Eu não faço pesquisas com o intuito de escrever, mas pesquiso ocasionalmente quando a história assim o exigir. Nesse aspecto, a Internet - leia-se Wikipédia - facilitou muito. Entretanto, também disponho de um farto material em minha biblioteca.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

**Roberto Schima:** Eu gosto de acrescentar filosofias pessoais, alguma divagação ou algum poema (por falta de outra palavra, pois não me considero um poeta), uma certa dose de lirismo. Em "Tio Vampiro", por exemplo, há o seguinte trecho:

## O TEMPO QUE O TEMPO TEM

Se o Tempo pudesse sentar-se ao nosso lado num alpendre, quantas histórias não teria para contar?

Grandes tragédias, pequenas alegrias, muitas aventuras, iguais doses de desventuras.

Talvez deixasse a humanidade de lado por julgá-la por demais mesquinha e presunçosa, além de insignificante diante do desenrolar maior das coisas.

Talvez se concentrasse no lampejo da primeira luz a afugentar as trevas, pincelando o Universo com a alegria das cores.

Ou, então, falasse sobre quando a vida surgiu - não necessariamente na Terra - e balbuciou a primeira de

todas as palavras e sentimentos, provavelmente a mais melancólica: solidão.

Poderia também refletir sobre como um evento aparentemente insignificante aqui iria ter consequências de maior amplitude lá adiante, em outro lugar, quiçá muito além, como peças de dominó tombadas pelo destino.

Poderia contar num sussurro que a sementinha da vida já nascia com o fardo da morte, mas, filosoficamente cogitando, a morte não traria o fim em si mesma, porém o início de uma outra jornada.

Então, pediria um copo de água ou uma xícara de chá para umedecer a garganta e colocar as idéias em ordem. Quem sabe, não haveria um biscoito ou bolinhos de chuva para acompanhar?

Sentir-se-ia cansado, muito cansado de tudo o que vira, de tudo o que presenciara, as lições aprendidas e



prontamente esquecidas. Sonhos desfeitos. Realidades mal feitas. A gota de tinta era a mácula do oceano.

Ah, sim, eventos grandiosos aconteceram, edificantes e memoráveis. Mas ele era o Tempo sem tempo, um tanto casmurro, um tanto senil, impaciente. Cantarolaria:

Fadado a permanência,  
a eterna existência.  
Oh, cuja essência  
é somente existir,  
mas foi penitenciado,  
grilhões algemado,  
pelo poder de refletir.

E, então, levantar-se-ia para ir embora, espreguiçaria, endireitaria a coluna, por mais que desejássemos saber mais, ouvir tantas e tantas histórias, compartilhar sua infinita experiência, sua enorme sabedoria.

Num meio sorriso, ele responderia, quem sabe, que de uma vida tão longa que, como Tempo, possuía, o que mais gostaria, além de poder esquecer, seria o privilégio que todos nós temos de se deitar em um amplo gramado, deixar-se ficar e, apenas, perecer.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Roberto Schima:** A princípio, devo ser honesto em dizer que a maioria das histórias encontra-se nos exemplares da revista "Conexão Literatura", a partir do nº 37, os quais podem ser baixados gratuitamente em:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

Se eu lancei "Sob as Folhas do Ocaso" foi mais movido pela vontade de ter os contos reunidos em um único volume e poder tê-lo em mãos.

Todavia, se alguém quiser o livro propriamente, seja no formato ebook, seja em papel, ele encontra-se disponível no site do Clube de Autores, da agBook e da Amazon, sendo que, neste último, os preços são mais baixos. Mas, se entre os leitores houver algum milionário que não tem mais onde gastar o seu dinheiro, talvez possa interessar-se pela edição em capa dura, encontrada no Clube de Autores e agBook:

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

[https://www.amazon.com.br/dp/B07SN7722L/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=roberto+schima&qid](https://www.amazon.com.br/dp/B07SN7722L/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=roberto+schima&qid)

=1559664826&s=gateway&sr=8-1

Quanto a informações sobre mim e meus trabalhos, quem tiver curiosidade poderá consultar o Google.

Também é possível pesquisar através de meus livros nos sites acima. Neles, é possível folhear as primeiras páginas onde, geralmente, incluo uma introdução falando algo de mim e da obra em questão. Algo mais específico, há o meu e-mail: rschima@bol.com.br.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Roberto Schima:** Sim, tenho duas histórias relativamente longas aguardando conclusão, e, alguns contos avulsos que, somados a mais alguns que venha a escrever, poderão vir a formar uma nova coletânea.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: "Cosmos", de Carl Sagan

Um (a) autor (a): Stefan Zweig

Um ator ou atriz: Jennifer O'Neill

Um filme: "Verão de 42" ou "Houve uma Vez um Verão" ("Summer of '42", Robert Mulligan)

Um dia especial: Quando ela disse "sim".

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Roberto Schima:** Reproduzo aqui um trecho da introdução de "Sob as Folhas do Ocaso":

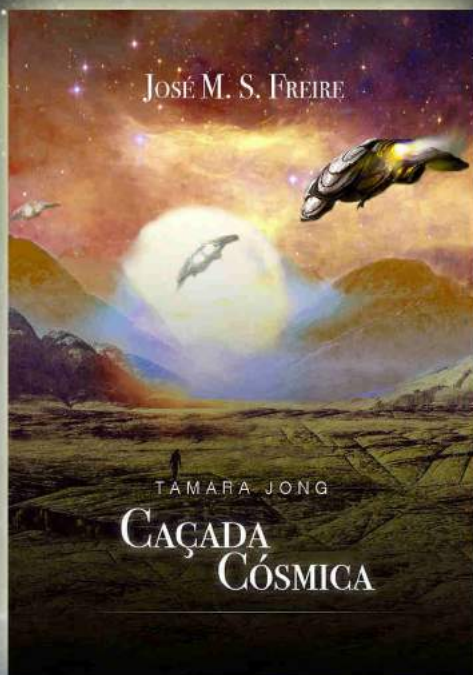
"... E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas (...) Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos."



TAMARA JONG

# Caçada Cósmica

— José M. S. Freire —



Novas e incríveis aventuras aguardam por você no quarto e-book da saga Tamara Jong - Caçada Cósmica, do autor José M. S. Freire.



PARA ADQUIRIR O E-BOOK  
— CLIQUE AQUI —

# ENTREVISTA COM

## MARCELA FRANCA

Marcela Franca nasceu na cidade de Recife-PE, mas se mudou para Petrolina-PE ainda na infância, onde reside até hoje. Formou-se em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Caruaru – FOC e se especializou em Odontopediatria. Não é bailarina profissional, mas escolheu se dedicar ao ballet por amor a dança. Além do ballet, sua paixão pela vida marinha a inspirou a escrever: “Scamonis – o outro lado de mim”, que está sendo preparado com o apoio da CASA Projetos Literários, da qual faz parte desde 2018.



Por Ademir Pascale

### Entrevista com escritores

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Marcela Franca:** A leitura para mim sempre foi um prazer e parte dessa paixão veio por influência do meu avô, o também escritor, Rubem Franca (In memoriam). Cresci cercada por livros, mas a ideia de criar minhas próprias histórias surgiu apenas em 2014. Sentei em frente ao computador e despretensiosamente comecei a escrever as primeiras páginas de “Scamonis”. Foi a minha primeira experiência como escritora. Naquele instante, descobri que era isso que eu queria fazer. Após concluir o livro, enviei o original para a agência da qual hoje faço parte e desde então estamos fazendo um belo trabalho para entregar aos leitores um livro de qualidade com uma história envolvente e repleta de imaginação.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro “Scamonis – o outro lado de mim”. Poderia comentar?

**Marcela Franca:** “Scamonis” é um livro para adolescentes, adultos jovens ou qualquer pessoa que ame livros de fantasia. A história se passa na Ilha Azul, um

lugar repleto de belezas naturais e personagens marcantes. A protagonista, Ana Maia, é uma jovem de dezesseis anos que sonha em se tornar bailarina profissional na Rússia. Ela é filha adotiva de um casal responsável pela proteção das Tartarugas Peroladas. Os leitores conhecerão, de forma leve e criativa, sobre a vida desses seres marinhos, incentivando-os quanto à preservação do meio ambiente. Inesperadamente, Ana vai conhecer um reino subaquático cheio de magia e encanto, “Scamonis”, numa



narrativa que une fantasia e realidade. Seu coração ficará dividido entre Guila e Zaron e ela precisará descobrir qual é a sua missão no mundo e o que é verdadeiramente importante para ser feliz. Em “Scamonis”, procurei colocar tudo aquilo que sempre gostei de encontrar nos livros: romance, mistério e muita aventura. É um livro para quem deseja ser surpreendido.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Marcela Franca:** No livro existem várias passagens relacionadas aos animais marinhos, preservação do meio ambiente e poluição dos oceanos, especialmente por plásticos. Eu assistia a muitos documentários, entrevistas e filmes sobre o assunto, além de pesquisa de artigos pela internet e revistas. De forma bem natural, ia incorporando todo esse conhecimento em minha trama. Apesar de ter iniciado o livro em 2014, foi em 2016 que tomei a decisão de dar prioridade ao projeto que passou um ano para ser concluído (a primeira versão).

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

**Marcela Franca:** Amo o início do primeiro capítulo que demonstra a conexão de Ana com o mar:

“Eu adoro o mar. Desde pequena admiro o mar, o cheiro do mar, a cor do mar, a forma como as ondas se

movem. Coloco os pés na água, fecho meus olhos e apenas sinto. As ondas tocam os meus dedos e desaparecem, e voltam a tocar, agora com mais intensidade, como se estivessem me chamando, como se dissessem: “vem, Ana, pode vir!”. A maré era calma e tentadora. Nada me impediria de dar um bom mergulho”.

**Conexão Literatura:**

Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

**Marcela Franca:**

Disciplina! Escrever um livro requer sacrifícios, exige muita dedicação e comprometimento. E o mais importante, acredite na sua intuição! Eu estipulava metas diárias de escrita e só ia dormir quando tivesse alcançado aquele objetivo. É importante estar conectado com a história, escrever com emoção e se colocar no lugar de cada personagem para que a trama, mesmo fictícia, pareça a mais real

possível e consiga conectar o leitor.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Marcela Franca:** O livro será lançado em breve pelo Selo Editorial NOVACASA! Para conhecer um pouco mais do meu trabalho e ficar por dentro de todas as novidades é só acompanhar as redes sociais pelo instagram e facebook: @escritoramarcelafranca, ou através do meu site [www.escritoramarcelafranca.com](http://www.escritoramarcelafranca.com) que foi lançado agora em Julho de 2019, onde vou manter um blog para conversar com os leitores sobre o meu dia-a-dia, minhas leituras e contar tudo sobre a produção de “Scamonis”!

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Marcela Franca:** Meu foco agora é publicar “Scamonis”, mas... Quem sabe não possa vir uma continuação desse livro!!!

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Olhai os Lírios do Campo, Erico Verissimo.

Um (a) autor (a): J. K. Rowling

Um ator ou atriz: Leonardo DiCaprio

Um filme: The Sound of Music (A Noviça Rebelde)

Um dia especial: Dia 20 de agosto de 2017 quando finalizei a primeira versão de “Scamonis”. Foi uma realização pessoal indescritível.

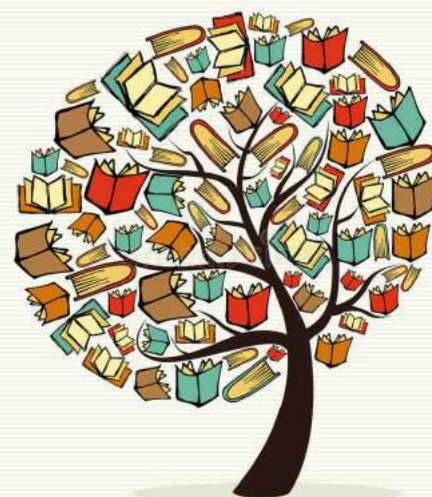
### **Conexão Literatura:**

Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Marcela Franca:** O livro me transformou. Através dele, descobri que qualquer pessoa pode ser aquilo que deseja ser, basta dar o primeiro passo e ter perseverança. Meu desejo é que o livro possa empoderar a todos que o lerem também!

**Visite:**

[www.escritoramarcelafranca.com](http://www.escritoramarcelafranca.com)

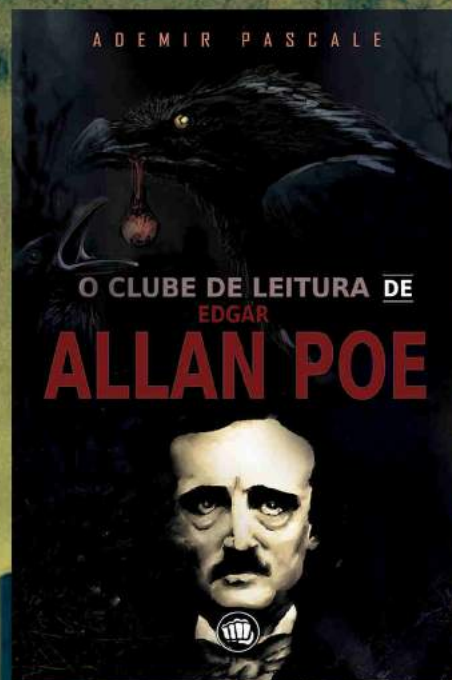


# O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



[www.selojovem.com.br](http://www.selojovem.com.br)  
[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

# ENTREVISTA COM

## ADROALDO ALMEIDA

Escritor, advogado e político, com formação em agropecuária, direito e gestão pública. Casado e pai de uma filha, foi prefeito de Ipororó/Ba, cidade onde nasceu em 1962. Tem poemas e contos publicados desde 1980. Agora, apresenta uma trilogia de romances sobre o ciúme, a paixão e o amor, denominada História dos Valores Humanos. O primeiro volume, O Labirinto dos Bárbaros, saiu em 2018. Neste ano será lançado em agosto na FLIGÊ, a Feira Literária de Mucugê, na Chapada Diamantina/Ba, o segundo volume, A Última Flor da Terra, prometendo para 2020 encerrar o projeto com Em Busca de Julio Pakard.



Por Ademir Pascale

### Entrevista com escritores

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

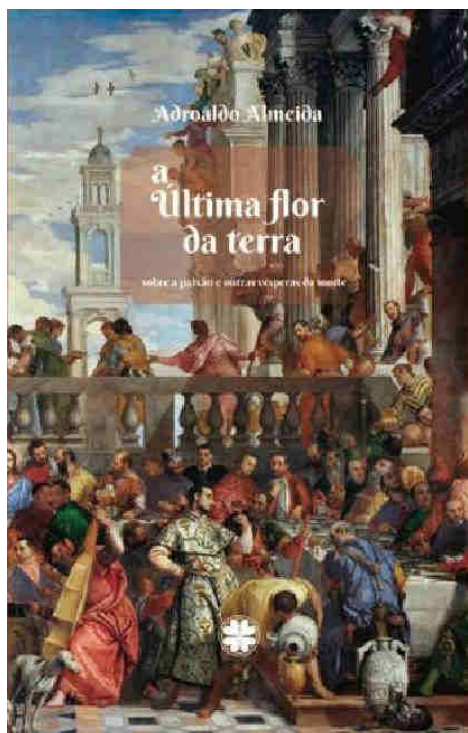
**Adroaldo Almeida:** Desde a adolescência que escrevo poemas, peças e contos. Em 1986 publiquei, em parceria com meu irmão Lula Almeida, já falecido, a coletânea de poemas Nossos Sonhos & Nossa Razão (Editora Anita Garibaldi – BA). Depois, as atividades política e jurídica, e a luta pela sobrevivência diária, me roubaram muito tempo da literatura, afastando-me tanto da escrita como da publicação. Recentemente, em 2011, reuni em livro um conjunto de contos e uma pequena novela, denominado Até o Fim dos Dias e Mais um Domingo (Editora Livro – BA). Talvez, isso seja considerado meu início no “meio literário”, coisa que não sei direito o que é, e que, conscientemente, sei que não faço parte, pois não conheço muito escritores, além dos amigos da minha cidade.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “A Última Flor da Terra” (Editora Trevo). Poderia comentar?

**Adroaldo Almeida:** Quando meu irmão mais moço morreu em 2014, com apenas 51 anos, eu fiquei devastado emocionalmente, e tive absoluta certeza que a vida, como sempre soubemos, não tem nenhuma

importância além do que fazemos para melhorar a humanidade. Então, decidi que já passava da hora de dedicar todo meu esforço para construir uma, sem exaltação, obra literária. A partir daí, no luto mais escuro, concebi esta trilogia. E durante cerca de seis meses, entre o final 2014 e o início 2015, emagreci mais de dez quilos e escrevi o primeiro volume, O Labirinto dos Bárbaros – sobre o ciúme e outros bastardos triunfantes; depois, em 2017, produzi este segundo, A Última Flor da Terra – sobre a paixão e outras vésperas da morte, que será apresentado na Feira Literária de Mucugê.



**Conexão Literatura:**

Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Adroaldo Almeida:**

Tempo de escrita propriamente dita, digitando no computador, foram cerca de oito meses do ano de 2017; e a pesquisa foram a memória, os livros e a navegação no ambiente da internet. Agora, para se conceber e construir

a estrutura, personagens, eventos e toda a história de qualquer romance, um escritor ocupa, sem exagero, toda sua vida. Posso afirmar, com convicção, que esse é sempre o meu caso. Meus livros são gestados a todo o momento; por todos os dias da minha existência, sempre estou “pesquisando” para alguma coisa que um dia, talvez, vou escrever.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

**Adroaldo Almeida:** Gosto especialmente do primeiro e do último parágrafo, a abertura e o final. Mas o livro todo, na minha modesta opinião, merece uma cuidada atenção. É uma história de amor, como todos os romances, mas com mais de 2 mil anos de duração, desde as Bodas de Caná até estes nossos estranhos dias de agora. Da Galileia até Ilhéus, passando pelo mundo todo. Mas, poderia citar justamente a última sentença do livro: “Suave como o vinho que ela sorvia, eu bebo deste cálice misturado: a fugaz doçura da sua lembrança e a perene amargura da sua ausência, eu bebo.”

**Conexão Literatura:** Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

**Adroaldo Almeida:**

Todo escritor é iniciante, sempre, a cada obra que tenta construir. O segredo é ler e escrever. E acreditar no que se faz, a despeito de qualquer dificuldade ou resistência. Leia, leia tudo. E escreva, escreva muito. E creia, acredite no que você faz, ninguém conhece melhor seus talentos do que você.

**Conexão Literatura:**

Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Adroaldo Almeida:**

Estes dois últimos livros, os romances desta trilogia, foram publicados pela editora Trevo de São Paulo, e estão à venda no site da editora ([www.editoratrevo.com.br](http://www.editoratrevo.com.br)). Os outros livros, o de poemas e o de contos, estão esgotados. E sobre mim, estou sempre à disposição, mas quase escondido, pois vivo em Itororó, minha cidade real e mítica, a Itapuy dos meus livros, no interior

profundo do sul da Bahia.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Adroaldo Almeida:** Sim. Estou trabalhando no último volume desta trilogia, agora sobre o amor, com o título provisório de Em Busca de Julio Pakard – sobre o amor e outras crueldades da vida. O personagem principal está em busca de uma mulher que o abandonou e encontra a história de um homem que morreu em busca de uma mulher que o abandonara.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Dois, um nacional e um estrangeiro: São Bernardo de Graciliano Ramos e Pedro Páramo do mexicano Juan Rulfo.

Um autor: São muitos. Machado, Pessoa, Drummond, Fitzgerald...

Um ator ou atriz: Dois jovens: nosso Wagner Moura e o argentino Ricardo Darín. E dois amigos: Gideon Rosa e Luís Sérgio Ramos, meus conterrâneos.

Um filme: Sempre dois: o brasileiro Terra em Transe e o italiano A Doce Vida.

Um dia especial: Todos os dias são especiais, mas o mais especial de todos é sempre o hoje, quando se pode construir coisas. E o amanhã também é relevante porque nos permite sonhar.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Adroaldo Almeida:** Agradecer a vocês da Revista Conexão Literatura, à minha família e aos bons amigos. E dizer que é necessário acreditar sempre no amor como o caminho para a felicidade.





# Traveling Between Pages

[www.travelingbetweenpages.com.br](http://www.travelingbetweenpages.com.br)

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

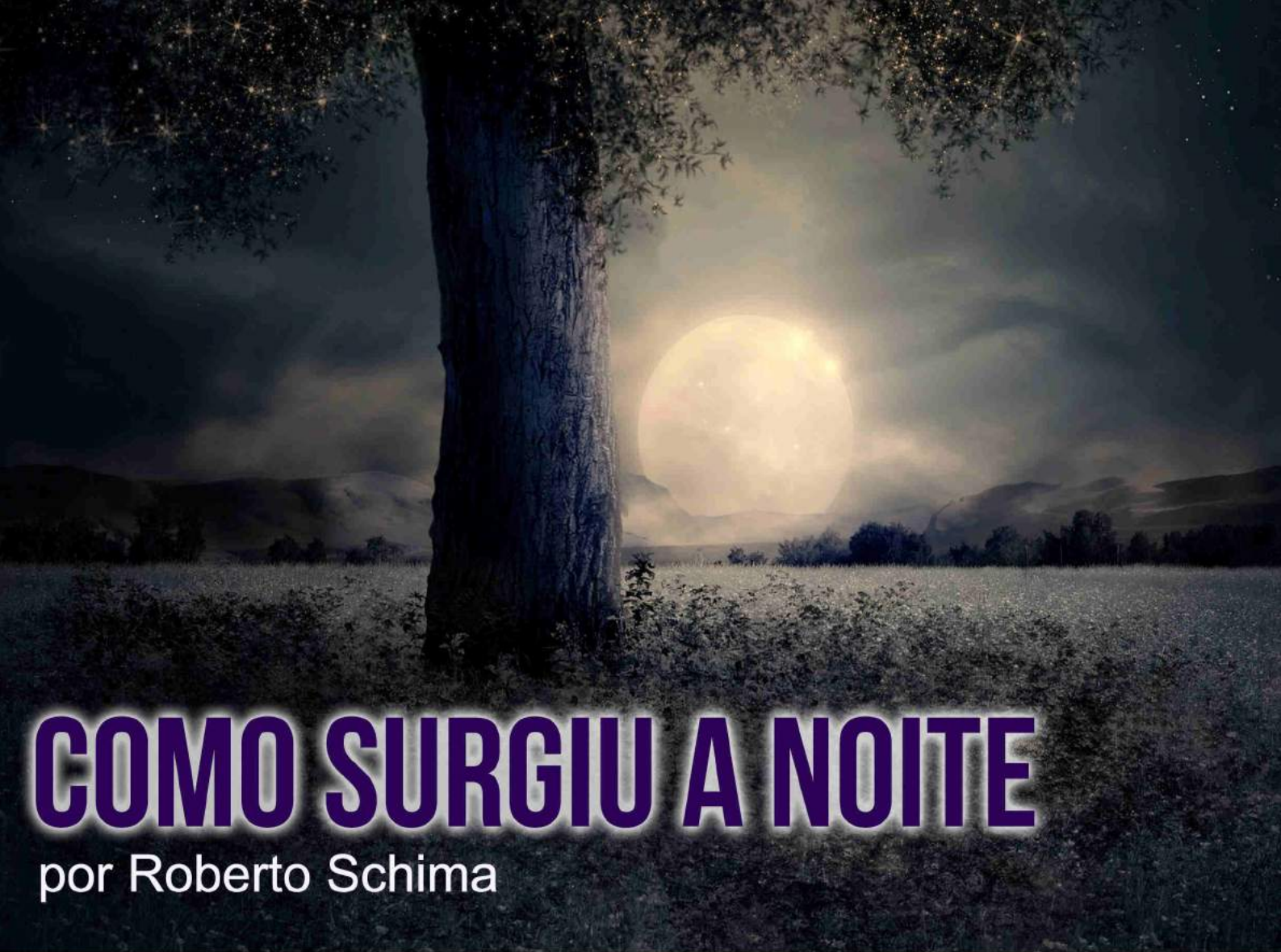
 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



[www.livreando.com.br](http://www.livreando.com.br)

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando



# COMO SURTIU A NOITE

por Roberto Schima

## Conto

A noite despejava-se preguiçosa na linha do horizonte e, vagarosamente, avançava.

Pai e filho, exaustos após um dia de trabalho na fazenda, descansavam suados — mas felizes — sobre a relva, olhar perdido no firmamento.

O menino sentia-se todo dolorido. Era, contudo, uma dor gostosa que ele não sabia explicar, pois nunca em toda a sua curta vida fizera semelhante associação entre uma coisa e outra. Pela primeira vez, auxiliara o pai e, apesar de mais ter atrapalhado do que ajudado, este mostrara-se paciente e atencioso em sua rude simplicidade do campo. O filho chegara a idade em que o mundo era um

canteiro enorme de dúvidas e, felizmente, contava com o pai para elucidá-las.

E naquele finzinho de tarde, o horizonte tingido de vermelho de um lado e a escuridão avançando do outro, ao observar as primeiras estrelas aparecerem no zênite, o menino perguntou:

— Pai, quem fez o céu? O dia? A noite? O homem deitado sobre um dos braços parou de mastigar o talo de grama, inspirou o aroma da brisa, do feno e da terra que tanto amava. Sentiu-se plenamente integrado àquele vazio de espaço, tanto das planícies quanto do céu.

Era um mundo cheio de mistérios.

Ele não possuía todas as respostas, longe disso, mas poderia repassar àquilo que ouvira um dia, quando garoto, em circunstâncias semelhantes naquele mesmo lugar.

Assim, inspirando fundo, ele contou...

\*\*\*

Era uma vez... o princípio de Tudo. E que ninguém estranhe que, antes desse Tudo, houvesse o Nada absoluto. Os opostos sempre coexistiram lado a lado. Nesse abismo de extremos, o Criador contemplou a escuridão, o frio e o vazio de Sua obra.

E ela exalava uma quietude infinita. A paz absoluta.

A ela deu o nome de Noite.

Todavia, Seus sentidos apurados perceberam uma inquietude na tecitura infinita do espaço.

— Diga-me, Noite, o que há?

A voz surgiu tímida:

— Não vejo nada.

— Pelo contrário, o que vê é o Nada.

— Ainda assim...

O tecido soluçou.

Diante da infelicidade da Noite, o Criador perguntou:

— Por que essa tristeza? O que posso fazer para terminá-la? O que mais deseja?

A Noite, que mal acabara de existir, em sua inocência pueril — como inocentes são todos os recém-nascidos — respondeu numa voz insegura feita de trevas:

— Luz!

— O quê?

— Eu quero luz.

— Luz, minha criança — murmurou o Criador, intrigado. Depois, enternecido, insistiu: — Tem certeza?

— Sim. — A voz era aguda e singela. — Está muito escuro aqui...

Como poderia saber a Noite que a escuridão era justamente a sua própria essência, sua vida, sua alma e que, sem ela, simplesmente deixaria de existir?

O Criador pensou e pensou. Finalmente, disse:

— Está bem, Eu o farei.

— Sim! Sim! Sim! — Se a Noite tivesse palmas, teria batido de tão animada. Então, o Criador atendeu ao pedido dela. Entretanto, em Sua enorme misericórdia, em vez de destruir a Noite, polvilhou sua inocência de estrelas.

Fez-se Luz, pequeninas luzes, milhares, milhões... Infinitas!

Assim, em vez de usurpar-lhe a vida, o Criador tornou-a mais bela.

E foi assim que a Noite, perpétua em sua essência, ocupou todos os rincões de tempo e espaço em contínua expansão.

Luminosa.

Singela.

Serena.

Feliz.

Pois o Dia nada mais é do que uma ínfima partícula de luz em um oceano perene de trevas. Não passa de uma lantejoula a ondular no Mar da Eternidade.

\*\*\*

O pai terminou.

Pensou ter contado direitinho, do jeito que seu próprio pai um dia narrara-lhe. Voltou a mastigar seu talo de grama e a pensar nos mistérios.

O silêncio tornou a cair sobre os campos.

A brisa fresca agitava os gramados.

Os animais recolhiam-se.

No céu, uma estrela cadente riscou a lousa da noite.

O menino soltou a respiração. Estava abismado. Então, criança que era, indagou:

— A noite foi feita para os namorados?  
O pai sorriu.

— Não, filho, por mais que todos os namorados do mundo desejassem. A Noite existe para que entendamos aquilo que é belo e grandioso. Há um motivo para ela estar lá, acima de nós. Os namorados somente aproveitam-se dela, como as conchas aproveitam-se das marés, inconscientes de apenas fazerem parte dela.

— Puuuxa! — exclamou a criança.

Continuaram deitados na relva por mais algum tempo, até que a mãe, impaciente gritou para que retornassem e fossem se banhar.

E as estrelas emergiram no rastro do poente, acima da fazenda. Logo, eram milhares e milhares, todas delicadamente, bordadas no tecido da Noite.

Juntas, cintilaram agradecidas.

E, para quem quisesse ou soubesse ouvir, perceberia um sorriso trazido pela brisa, vindo de lá do alto, do céu.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

[http://www.efuturo.com.br/pagina\\_textos\\_autor.php?id=671](http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671)

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)



# ISABEL

por Míriam Santiago

## Conto

---

**E**o uivo ensurdecador ecoou mais uma vez invadindo a pequena Piódão, aldeia em Portugal encravada nas montanhas, cujas casas foram construídas com talhos de xisto e telhados em ardósia, pesados e resistentes a ventanias constantes da região. Era noite de lua cheia, e a claridade que iluminava o local era uma mescla de beleza e mistério. Os moradores trancavam as casas e ficavam quietos, reféns do próprio pavor que o som produzia, fazendo-os sentir frágeis e impotentes perante aberração da natureza.

Nessas noites de “lua gorda” ninguém ousava passar pelas tavernas, para que

movidos pela embriaguez, a má sorte não lhes tirasse a vida.

E essa rotina permaneceu por anos, sem nenhuma baixa em Piódão, até que o azar cruzou a vida de uma família com seis pessoas, entre duas crianças. O cocheiro se perdeu no nevoeiro o caminho para Coimbra e quando deu em si estava à beira da encosta da Serra do Açor, e por ser uma estrada de difícil acesso somente a pé ou a cavalo, a diligência deixou a família para descer até o local caminhando. Desciam com todo cuidado, já que a estrada é estreita e curvilínea, subindo e descendo montanhas, mas à medida que se aproxima da aldeia, o local fica

majestoso. E quando deram por si, já estavam em Piódão.

— Onde está Isabel que não a encontro,  
— disse a mãe Aparecida.

— Ela ficou para trás no mato, precisou fazer necessidades — disse a irmã.

— Mas que aldeia não se vê ninguém — diz João Augusto, um senhor balzaquiano, o único homem da família.

As mulheres, a esposa e as filhas mais velhas vinham atrás dele junto com o filho caçula. A aldeia iluminada com lamparina à base de óleo de oliva realçava um lugar fascinante.

— Ei vocês, — grita um morador com meia janela aberta. O rapaz com semblante nervoso diz para que saíssem da rua imediatamente. — Está escuro, já é noite e é muito arriscado andar por aí. — E vamos para onde? Acabamos de chegar, estamos tentando encontrar um lugar para passarmos a noite. Tens alguma sugestão? — Diz João Augusto. — Vou descer e abrir a porta. Minha casa é pequena, verei o que se pode fazer. E o rapaz desce rapidamente atrás da chave para que a família entrasse, até que o inevitável para aquelas pessoas aconteceu!

De repente, sem fazer barulho algum, pois veio sorrateiramente seguindo o grupo, algo se aproxima deles, vem depressa arrastando a terra, seus passos pesados levantam a poeira. O rapaz da casa, Pedro, abre a porta, mas o medo foi tamanho que só consegue entrar uma das filhas, Maria Aparecida e Pedro fecha a porta com a tranca.

A mãe bate na porta aos gritos de pavor ao ver em pé uma imagem inacreditável à sabedoria humana. Era muito alto, com dois metros de altura, corpo todo peludo e dentes extremamente afiados para fora do focinho. As orelhas em pé, parecidas

com as de um cachorro enorme ou um lobo, completavam a criatura, que impressionava ainda mais ao mostrar as garras afiadíssimas. Não deu tempo para nada. A coisa pulou em cima do pai degolando-o instantaneamente. Ao abrir o tórax expondo as vísceras, a mãe caiu ao chão estrebuchando e de tanto se debater, convulsionou, falecendo em poucos minutos, pois era cardíaca.

— Abre a porta, por favor, nos ajude, — gritava a irmã mais velha, Rosa, que tinha entre a saia longa a esconder o irmão caçula Ferdinando. — Abra senhor, abra, — grita apavorada a moça.

Mas o jovem ouviu-se soluços, chorava sem parar ao que acontecia à família, mas ele não teve coragem de abrir a porta e estava a segurar Maria Aparecida que fora de si a tentar abrir a porta. Num ímpeto, ele deu um soco na moça que caiu desmaiada para que ela não abrisse a porta e não sofresse com tudo o que acontecia.

E logo que devorou o pai, a criatura lentamente foi atrás da donzela e da criança que corriam a gritar pela aldeia. Ele não tinha pressa. O homem-lobo ia devagar. Rosa escondeu o irmão e tentou se esconder também, mas o faro do lobo grande a encontrou facilmente. Assim que se aproximou da bela moça, antes que gritasse, ele a golpeou na garganta abrindo de lado a lado. Caída ao chão, a criatura ficou sobre a presa saboreando seu corpo magro. Farto desistiu da criança, partindo da aldeia rapidamente. Isabel, tremendo de medo ao ouvir toda a gritaria se escondeu e viu a criatura correr pela mata a subir a montanha. Um frio percorreu-lhe a espinha, seus pensamentos a fizeram desmaiar, ela não tinha coragem de sair do esconderijo. Esperou até amanhecer. Aos primeiros



raios de sol Isabel se pôs a correr pela mata em direção ao vilarejo, que estava em polvorosa. A casa onde o rapaz Pedro salvou sua irmã estava toda respingada de sangue. Perto do jardim da residência estava o corpo da mãe, que a criatura não tocou, já que morreu por si, não causando interesse.

Mais adiante os moradores traziam o irmão desfalecido. O padre acolheu os três irmãos. Depois de dois meses Ferdinando faleceu, o garoto de seis anos adoeceu severamente com a morte dos pais, principalmente da irmã mais velha a quem chamava de mãe.

Com o passar de seis anos, Maria Aparecida casara-se com um viajante mudando-se da aldeia. Tentou levar Isabel, que agora aos 18 anos, tinha outros planos. A meiga garota crescera com o coração movido a ódio e vingança. Sabia e previa que conseguiria por fim à criatura. O padre tentou persuadi-la, mas não adiantou.

Numa noite de lua cheia Isabel sabia que a criatura rondaria o vilarejo e ela de tocaia em ponto estratégico toda coberta por feno e pelos de animais para que seu cheiro não fosse sentido pelo lobo grande, observou os passos da criatura.

Isabel aguardava esse momento e friamente seguiu o lobo, que vivia montanha acima de Piódão, em uma cabana, solitário. Depois de observar por dois dias os hábitos do lobo-homem, Isabel retornou à vila.

Ao término do ciclo da lua cheia Isabel subiu a montanha novamente sabendo que não corria mais perigo. Fingindo-se perdida e machucada, Isabel pede ajuda na cabana. Para sua surpresa o homem que não sabia de seu plano ajuda Isabel e como não tinha contato com ninguém

muito menos uma mulher se apaixona perdidamente por ela.

Isabel mesmo atraída por ele, um rapaz muito bonito aparentando trinta e poucos anos, gentil, calmo e educado, prossegue com seu plano de vingança. E Matias nem percebeu que a moça se instalara em sua cabana. Antes do novo ciclo da lua cheia Isabel conseguiu com que Matias tomasse láudano, caindo em sono profundo. Não demorou para que um grupo de homens viesse buscá-lo, ele seria levado para um circo itinerante, que depois de viajar por alguns países da Europa, finalizava em Portugal e deu certo. Isabel foi muito bem recompensada com a grande atração do circo.

Vivendo em uma jaula, só aparecia nas noites de lua cheia, quando o público poderia acompanhar a sua transformação. E as aparições do lobisomem Matias mantinham o circo a render grande público e dinheiro. Isabel pegou sua recompensa e se foi para nunca mais ser vista.

Matias estava disposto a fugir, se fingiu de doente e quando retiraram as correntes dos pés, ele conseguiu correr, vindo escondido ao Brasil em porão de um navio.

Realmente muito doente Matias foi descoberto pelos marinheiros, que o deixaram à morte na floresta Amazônica, a pedido dele próprio. Os marinheiros só não sabiam que ele, por castigo divino, estava condenado a essa transformação até o final de sua vida! Ele só não sabia também até quando seria esse final, e logo começaram rumores de que uma criatura estaria afugentando animais e índios sempre na lua cheia!

A história homenageia o Dia do Folclore no Brasil, comemorado dia 22 de agosto!

**Lobisomem:** A lenda tem, provavelmente, origem na Europa do século XVI, embora traços desta lenda apareçam em alguns mitos da Grécia Antiga. Do continente europeu, espalhou-se por várias regiões do mundo. Chegou ao Brasil através dos portugueses que colonizaram nosso país, a partir do século XVI. Este personagem possui um corpo misturando traços de ser humano e lobo.

O Congresso Nacional Brasileiro oficializou em 1965 que todo dia 22 de agosto seria destinado à comemoração do folclore brasileiro. Foi criado assim o Dia do Folclore Nacional. Foi uma forma de valorizar as histórias e personagens do folclore brasileiro.



Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.  
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)



# ZODÍACO

por Rafael Botter

## Conto

---

**T**odo mundo, sem exceção, possui um admirador, alguém que te inspira. Seja um atleta, uma celebridade de Hollywood, até mesmo um cantor(a). O meu caso é peculiar.

Você, jornalista que está lendo esta carta, vai se surpreender com o que tenho pra te contar. Não foi por acaso que escolhi essa cidade um tanto pacata para “tocar o terror”.

Sempre admirei o “Assassino do Zodíaco”, bizarro, né? Bem, desde criança vários médicos e especialistas já diziam para meus pais que eu tinha problemas sérios, alguns mais fervorosos

indicaram para me levarem em Igrejas. Grande merda! Mas não estou aqui para falar da minha vida pessoal, muito menos do que vivi e sobrevivi. Quem sabe em alguma outra oportunidade?

Estava com muita sede, mas não de água, era sede de sangue. Peguei meu carro e fui dar umas voltas pela região, quando encontrei a placa indicando essa cidade mesquinha, pouco conhecida pelas redondezas. O diabo que estava no meu ombro direito mandou eu entrar e ver como era essa cidade.

— Oras! Vamos conhecer, nos divertir!  
Nossa vida é apenas um sopro.

Meu caro jornalista, vou contar tudo, não vou deixar escapar nada do que aconteceu.

Pois bem! Parei meu carro no acostamento, fiz uma busca rápida com meu celular e por incrível que pareça, o sinal 4G pegou perfeitamente. Pesquisando sobre a cidade fiquei surpreso quando constatei que possuía 70 mil habitantes. Nada mal. Abri meu porta luvas: revólver carregado, faca bem afiada. Tudo, ok!

No porta malas tinha mais alguns acessórios: cordas, mordanças e correntes. Um assassino bom é um assassino bem prevenido, não é mesmo?

Segui o trajeto até chegar na cidade, correu tudo bem. Porém, nada bem para minhas futuras vítimas. Era dia de caça. Liguei o GPS e fiz um pequeno estudo da região para minha grande atuação, pena que não possuía nenhum público para aplaudir. Lamentável.

O total de vítimas, foram 3. Está tudo anotado em meu caderno de caça. Por via das dúvidas, mandarei anexado o nome de cada uma das vítimas na carta, tudo bem? Ah! Só para lembrar, esse caderno não é o único, possuo outros. Vou contar um pouco do meu modus operandi:

Em cada cidade que vou para caçar, me divertir e matar minha sede por sangue, levo um caderno de caça, para anotações das vítimas e sempre bolar alguma mensagem criptografada, igual que o Zodíaco fazia. Infelizmente, as autoridades são tão incompetentes que sempre arquivavam os casos do qual eu

cometi. Seria burrice? Falta de vontade para me pegar? Enfim, são uns imbecis de marca maior. Sempre ganho.

Vou ficar em um hotel esperando essa bomba explodir, quero ver todo o pandemônio quando descobrirem os corpos. Vou facilitar para vocês, no envelope vou anexar as localidades. Já que vocês são muito burros, capaz de não encontrarem sem minha ajuda. Vai saber, né?

Chega de blá, blá, blá. Vamos falar de negócio, ou melhor, vamos falar das minhas presas do qual facilmente consegui encontrar nessa cidade medíocre.

A primeira foi uma mulher. Encostei meu carro para “pedir informação” sobre determinado estabelecimento comercial. Peguei minha arma e foi fácil, rápido e prático. A sorte estava em meu favor. Não fui burro e nem descuidado, olhei os mínimos detalhes, por questões de segurança. Não havia câmeras e outras coisas que poderiam me comprometer. Ah! Minha arma? Utilizei um silenciador.

Coloquei o corpo dela no porta malas, segui para uma espécie de córrego que corta sua cidade querida, e joguei minha presa em um barranco. Olhe nos bolsos da calça dela, deixei uma carta bem bonita para os investigadores.

Minha segunda vítima foi ainda mais fácil. Que sujeito mais tolo. Fingi que meu carro estava com problemas no motor. O rapaz parou sua bike para me ajudar, mal sabia ele que sua vida medíocre estava por um fim. Dessa vez, não usei o revólver, peguei uma corda e o

sufoquei. Não quero me alongar, a pista para o segundo corpo está na primeira vítima, não sejam burros. Ok?

Já ia me esquecendo! Existe uma carta que deixei na mochila da minha segunda vítima, sigam as instruções para chegar no corpo da minha terceira e última vítima.

Fiz um pequeno *tour* em sua cidade. Vamos conhecer um pouco, não é mesmo? Afinal, minha estadia foi breve e rápida, aproveitei da melhor maneira possível. Em todos os sentidos!

Tive que seguir o “roteiro” da vítima anterior para que vocês possam chegar na minha presa final. Simplificando o óbvio, fui em uma região que o pessoal faz caminhadas, certifiquei que não havia muitas pessoas para não levantar suspeitas. Porém, tudo foi conforme o planejado. Arma engatilhada, cheguei atrás da vítima, mal deu tempo dele reagir. Será que sentiu minha presença ou o meu cheiro por sangue? Vai saber! Foi como um flash, um único disparo a queima roupa. Segurei e coloquei no porta malas, certifiquei que ninguém possa ter visto, e se vissem, melhor. Afinal, essa cidade precisa de uma adrenalina, quebra de rotina com uma perseguição policial. Trabalho feito, objetivo concluído. Encontrei aquelas latas grandes de lixo e

depositei minha vítima lá. Sigam de forma estrita todas as cartas, aí vocês chegarão até o último.

Ah! Na carta final, deixei um pequeno enigma contando qual cidade vou atacar. Mas, sei que vocês são uns burros, vou deixar uma dica: Uma cidade vizinha que é famosa pelo nome do seu sanduíche. Mais óbvio que isso, impossível. Agora! Mãos na massa. Vamos ver se vocês conseguem me pegar.

Essa é uma carta simples, não vou ficar descrevendo nos mínimos detalhes todas as “atrocidades” que cometi por onde passei. Isso fica por conta dessa mídia suja que vocês fazem, afinal, tudo acaba virando um alvoroço sem tamanho.

Só peço uma coisa: quando forem falar sobre meus trabalhos. Me identifiquem como “O Zodíaco”, quero ser lembrado igual essa lenda que passou pelos EUA.

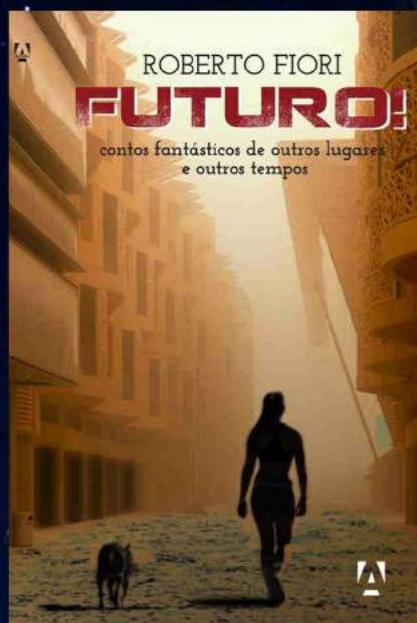
Duvido muito que vocês consigam me pegar. Tentem, seus cretinos! Façam por merecer, não sejam uns merdinhas que só ficam preocupados com esse salário medíocre que recebem todos os meses.

Fica aqui meu abraço fraternal.

O zodíaco.

Até a próxima cidade.

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e [Traveling Between Pages: http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br](http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br). E-mail: [botter.rafael@gmail.com](mailto:botter.rafael@gmail.com).



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



## Conto

---

**I**nteriorização. Não se lembra quando ouviu pela primeira vez esta palavra. O fato é que, sem que pudesse fazer nada, foram-lhe saindo algumas forças externas fundamentais, através do casamento da filha, da morte do marido e, ultimamente, da aposentadoria.

— Deixe-me continuar trabalhando, nem é pelo dinheiro...

— Não depende de mim, Dóris. Você sabe que a nossa empresa tem o aperfeiçoamento como uma peça-chave.

— Depois da morte do Charles, eu...

— Sei como se sente. Prometo me empenhar por você!

— Mamãe, o Dani recebeu uma oferta irrecusável de trabalho. Não dá para dizer não!

— Mas, em Sidney?

— Ele vai ganhar seis vezes mais do que ganha aqui.

— E eu?

— Logo que nos ajeitarmos lá, você irá morar conosco.

— Não daria certo. O Danilo e eu... Você sabe!

O eu nos faz desconhecer o quanto somos nós, disse o amante quando a peça já ia se encaminhando para o desfecho. O seu egocentrismo a impede de se conhecer como de fato você é, continuou o amante, enquanto rodeava sua *partner* como se pretendesse amarrá-la em si, para assim fazê-la descobrir-se. E como eu sou? Você não sabe? Como poderia sabê-lo?

Nesse momento, o amante foi-se afastando, até sair completamente de cena, deixando a mulher de meia idade completamente afogada em si. De imediato, Dóris compreendeu que era assim que estava se sentindo: afogada em si.

Ganhou uma amiga nova, uma grande amiga: a sua cidade. Andar aleatoriamente, diferentemente de como lhe doutrinaram a proceder na empresa, onde nenhuma ação ou fala deveria ser gratuita.

O apalpar regular dos seios. Um dia um nódulo, ou uma impressão. Charles morreu de câncer, pensou. Reviveu os meses intermináveis de angústia. Os quilos que o iam deixando. As faces encovadas. Pegou uma foto dele, do tempo em que ainda não estava morrendo. Olhou profundamente em seus olhos, como se ele ainda estivesse vivo. Como se ele fosse entrar no quarto, vindo do banheiro, e lhe perguntasse, ao vê-la com sua foto na mão: — Que foi? Ela lhe diria: Nada, como se soe dizer nessas ocasiões. Apalpou de novo o nódulo, ou a impressão do mesmo, e disse para si que nada não era, mas algo

com que deveria se preocupar naqueles dias em que se encontrava à deriva. Não era mais uma simples naufraga, havia agora uma barbatana a espreitá-la; ou era impressão?

— Não é nada, mas a senhora fez bem em ter vindo!

— Na minha idade doutor...

— Continue sendo previdente, isso é fundamental, mas viva para si!

*Viver para mim*, pensou com certa indiferença, enquanto andava com certo prazer por desfrutar a amizade indiferente da cidade. Pessoas que se sucediam umas às outras, sem que ela nunca as tivesse visto nem com elas se preocupado antes. Admirava-as pelo simples fato de existirem. Nunca imaginou que um dia se sentaria em um banco de praça para observar pessoas, sem nenhuma outra intenção a não ser o prazer de observá-las.

— Mãe, Sidney é uma festa!

Lembrou-se do livro de Hemingway. Sentiu a felicidade de sua filha. Sorriu com a foto em que ela e Danilo faziam caretas.

— Mãe, venha nos visitar!

Chovia, mas mesmo assim fez questão de ir ao centro. Era a sua nova mania: andar aleatoriamente pelas ruas.

— Quanto tempo ainda terei?

— Por que a senhora não trabalha como voluntária?

Charles lhe apareceu em sonho e estava como era antes da doença. Ria enquanto dirigia o carro e os dois seguiam por uma estrada sem curvas que parecia não ter fim. Não acontecia nada mais do que



esse ir sem fim e o sorriso infindável de Charles. Ela dentro do carro, ao seu lado, observava-o com um sentimento de prazer, mas também de preocupação, pois não sabia em que aquilo poderia se desdobrar. Ela estava dentro do carro, mas também observava tudo como estando de fora, do alto. Ela era duas. Acordou. Sentiu-se frustrada pelo fim do sonho. Estar com ele era o que mais queria. Com ele antes da doença, nos trinta e poucos anos de cada um. Da janela, a vida parecia estar dormindo. Hoje eu tive um sonho, e contou para o diário o sonho que tivera. Parou de escrever quando lhe fugiu o Charles do sonho e lhe apareceu o Charles doente, olhar desesperado de quem não queira ir. Vestiu apressadamente uma roupa

qualquer e saiu para fora de si, buscando encontrar-se nas ruas da cidade. Andou durante horas sem que o Charles moribundo lhe saísse.

— Mamãe, não deixe de vir no fim do ano!

Compreendeu que estava presa em si, o que tinha alguma compensação, pois antes mal se conhecia. E agora, me conheço melhor? Melhor, mas não o suficiente, ela mesma se respondeu a partir do espelho, olhando-se profundamente nos olhos, como se buscasse entrar-se. Não conseguia ver-se dentro o tanto quanto gostaria, mas por fora era fácil perceber que as rugas vinham sendo insensíveis ao produto que usava e que os cabelos precisavam de uma nova pintura.



Vinícius Bandeira é autor dos livros *Ordenação social no Brasil*. (Ed. UFRJ); *Mulheres da vida* (Multifoco); *Náufragos da fé* (Laço Editorial); *A genealogia em Foucault. Do poder soberano ao poder panóptico* (NEA Edições). 2º colocado Prêmio Lima Barreto, promovido pela Academia Carioca de Letras (2015). Tese de doutorado selecionada para ser publicada pela Ed. UFRJ (2010). Professor universitário.



# OH, BELA!

por Roberto Schima

## Conto

---

*É engraçado como a vida costuma brincar com a gente. Traça caminhos pelos quais seguimos e até juramos de pés juntos que o fazemos de acordo com nossa soberana vontade. Mas, eu não sei, agora tenho lá minhas dúvidas. Coincidência? Destino? Acaso? Intervenção divina? Incomoda-me pensar que, por trás de nossos movimentos, de nossos passos, de nossos pensamentos, há cordões sendo estirados e soltos, manipulando-nos feito marionetes, fazendo-nos dançar conforme uma música que somos incapazes de ouvir. É muito difícil crer, e, contudo, não consigo deixar de matutar, levando-se em conta o ocorrido... e o que ainda está por vir.*

*Sinto uma ironia sinistra no ar. A mesma ironia expressa no sorriso dentuço do morcego tatuado em meu braço ou no crânio trespassado por uma serpente do outro lado.*

*Se eu aguçar os ouvidos, talvez consiga perceber uma risada vinda do alto, ou, mais provavelmente, uma gargalhada lá debaixo... bem lá embaixo, onde as chamas queimam sem pressa, purificadoras e perenes como o coração das estrelas.*

*Talvez até toque uma nota para mim.*

*Serei capaz de ouvi-la?*

*Vida longa ao Rock'n'Roll!*

\*\*\*

Eu detestava a noite, todas as noites. Todo aquele silêncio desprovido de vida. As ruas desertas na madrugada, varridas de suas imundices pelo vento — e quanta sujeira a noite trazia! A escuridão penetrante, grudenta, teimosamente rompida por moribundas lâmpadas de mercúrio e letreiros de néon. O piso escorregadio e molhado de sereno, fazendo as solas dos sapatos soarem mais alto do que deveriam. O vôo errático das mariposas. A lentidão da neblina. Ah, e o maldito silêncio, a assustadora quietude de ataúde, ocasionalmente rompida por algum vagabundo revirando o lixo, ou, pior ainda, pelos gatos gemendo uns para os outros como almas penadas.

Para a maioria das pessoas, nada disso importava. Para mim, era como morrer junto com o final do dia, todo miserável santo dia.

Eu odiava o ocaso de corpo e alma.

Um psicólogo, psiquiatra ou psicanalista (nunca soube a diferença entre um e outro desses tratadores de malucos) provavelmente diria tratar-se de um trauma da infância. Não era essa e desculpa de sempre? Ao menos no meu caso, bem poderia ser verdade. Trauma de tantas vezes que, no orfanato, eu acordara, aparentemente sem mais nem menos, nenhuma luz acesa, sons furtivos, mãos enormes apalpando meu traseiro e até o pênis que mal aprendera a ficar ereto.

Desgraçadas noites!

Negrume asfixiante.

Gemidos babados em meus ouvidos.

Minutos transformados em horas.

Desamparo.

Ódio...

... Dor.

E a sempre presente escuridão.

Entretanto, tudo fora uma questão de dar tempo ao tempo. Não curaria as feridas, e tampouco esqueceria, contudo, cresci, livre-me daquele lugar desgraçado, busquei refúgio sob o Sol sempre que pude. Claridade, muita claridade e calor. Uma nova vida. Só não havia emprego. Então, aprendi a roubar, pequenos furtos a princípio, grandes assaltos mais tarde. E tornei a ficar desperto de madrugada, fugindo da polícia, desperto e esperto. Bem, não tão esperto, confesso. Ainda garotão, mandei tatuar meus braços tipo *heavy metal*: dragão, caveira, vampiro, cobras, essa bicharada toda. Achei o máximo, porém, descobri logo, isso me tornou tão facilmente identificável quanto uma chapa de automóvel ou o número de registro de uma arma. Burrice. Parei no “xadrez” duas vezes. Na última, quiseram me fazer de mulherzinha e eu me vi retornando aos tempos de criança, mas tinha crescido e, dessa vez, não iria deixar por menos. Arrebentei alguns dentes e costelas antes dos safados conseguirem alguma coisa... Desgraçados, mil vezes desgraçados! A pior confissão a se fazer, a pior... Os filhos-da-puta conseguiram de fato.

Diabos... Diabos!

Trauma da maturidade?

Aquilo doeu na minha alma, para não mencionar outro lugar.

E era noite.

Dizem que tem gente que só aprende apanhando. Eu não era mulher de malandro, todavia, foi assim que aprendi a correr menos riscos. Troquei a vida de ladrão por outra menos incerta, embora não menos arriscada. Um “emprego”... noturno. Fazer o quê? Sina.

Destino. Sei lá o quê. Droga de noite. Noites e drogas. Minha maior clientela proliferava após o pôr do sol, na escuridão dos bordéis, nos quartos de hotéis baratos, na agitação barulhenta das danceterias. Sim, as danceterias...

Um viva para a juventude!

Os filhinhos-de-papai, os “mauricinhos” e as “patricinhas”, aqueles que se achavam os donos do mundo e não eram donos de porcaria alguma, nem do próprio focinho. Ao contrário dos órfãos da vida, possuíam de tudo e, assim mesmo, reclamavam. Aqueles críticos dos “coroas caretas”, e, contudo, viviam pendurados no rabo-de-saia da mamãe ou na carteira polpuda do papai; incompetentes para assumirem uma vida independente.

Bostinhas.

Os rebeldes da hipocrisia.

Possuíam tudo, fazendo nada.

Sequer me recordava do rosto de meus pais.

Nutria ojeriza pelos mimados, e, entretanto, eu também era hipócrita a meu modo. Dependia deles. Eram bons fregueses para fumar, cheirar e injetar. Achavam chique ficar numa boa. Meus bons fregueses. Queria mais que se danassem, pagando-me bem por isso, claro. Encontrava-os aos montes nas danceterias. E estas só funcionavam de madrugada, nas detestáveis noites paulistanas.

Fazer o quê? Eu precisava ganhar o pão. E o mundo não perdera um bom balconista de padaria ou um bom frentista. Pelo menos eu contava com o consolo de, ao contrário das ruas, existir muitas luzes e barulhos lá dentro dos inferninhos. Não havia lugar para a quietude avassaladora dos becos e nem o

vazio a consumir nossa alma. As horas voavam ao som do *rock and roll* e do “rala-coxa”.

Também dispunha de algum tempo livre e, embora sem muito estudo, curtia uma boa leitura. Não me tornei nenhum intelectualóide, todavia, tampouco sou um tapado de todo. (Meio todo?)

Bons tempos.

E foi numa daquelas noites, quando a madrugada já ia alta, que me vi obrigado a retornar prematuramente para casa. “Obrigado” é uma palavra muito forte. Eu poderia ter ficado na danceteria. Poderia? Teria o destino, a vida ou a intervenção divina permitido outra opção? Reflito sobre isso agora, mas na época fiquei fulo da vida.

— Me dá um pozinho? — disse-me uma garota de olhos parados e traseiro generoso.

Revirei os bolsos, cocei a cabeça. Nada.

— Inferno! Por que não trouxe “branquinhos” a mais? — gritei comigo mesmo.

— Acabou?

— Acabou, menina.

— Não tem nem um baseado? Uma pedrinha?

Balancei negativamente a cabeça e ela foi embora, desapontada, misturando-se à multidão.

Havia sido uma das noites mais lucrativas e meu estoque de saquinhos de pó esgotara-se rapidamente. Eu deveria estar contente, afinal, os bolsos encheram-se de dinheiro. Mas homem sempre foi um bicho danado de ambicioso e torturava-me o pensamento de que os bolsos poderiam estar bem mais cheios da grana, caso eu estivesse prevenido. Arrancaria até o último

centavo dos bostinhas. Como poderia imaginar? Comércio era feito de incertezas: num dia faturava-se horrores; no outro, vivia-se de brisa. E como eu poderia saber de outras tantas coisas? Se tivesse bola de cristal, teria continuado na danceteria o restante da noite, aproveitado a boa sorte ao lado de uma das “patricinhas” de peito empinado. Teria de fato? Mas a ganância falou mais alto e, contrafeito, retornei para casa a fim de me reabastecer de mais mercadoria.

Como eu poderia saber?

Como?

A vida mexia seus cordões.

Essa volta modificaria tudo o mais.

O silêncio.

As trevas.

Nevoeiro.

Felinos no cio.

E o significado da noite para mim.

\*\*\*

Eu residia num bairro não muito afastado do centro da cidade. Um meio termo entre a fonte e o consumo, entre a oferta e a procura, por assim dizer.

Comprara um sobrado confortável, sem luxo (no meu ramo, um dos maiores erros a se cometer seria mostrar um grau de riqueza além das capacidades, como certos fiscais cheios de correntes de ouro na divisa com o Paraguai — burrice da grossa... como as tatuagens), repleto de badulaques japoneses e quinquilharias coreanas.

Nome falso, documentos falsos. Tudo dentro dos conformes. Para vizinhança eu até poderia passar por um guarda noturno ou algo assim. De

qualquer forma, desde quando vizinhos interessavam-se pela vida alheia, exceto na hora de bisbilhotar?

Estacionei meu “pois é” azul, entrei e, em menos de trinta segundos, desativei os alarmes da casa.

Na sala, chamei:

— General, ei, General!

Nada. Chacoalhei um saco de papel.

— Eu trouxe comida.

Acendi as luzes do lustre e, imediatamente, franzi o cenho, estranhando o silêncio, a quietude da noite. Maldita noite.

— Vem cá, garoto. Vem, vem, vem... — insisti, já desconfiado, apalpando prevenidamente o interior de meu casaco.

Pus-me a ouvir. Exceto pelo relógio na parede, não escutei coisa alguma. A quietude anormal fez os cabelos de minha nuca se eriçarem. Pensei de gritar outra vez pelo meu cão, entretanto, a essa altura ele já deveria estar fazendo algazarra, correndo em minha direção aos pulos, como era seu costume fazer. Somente a droga de silêncio varou a noite.

— Gene...

De repente, a quietude foi quebrada feito um jarro espatifando-se no chão ou, melhor, feito uma estaca atravessando meus ouvidos de um tímpano a outro.

Os gemidos.

Gelei.

Deixei os restos de comida apanhados na danceteria sobre a mesinha de centro e tornei a apagar as luzes, sacando meu velho revólver do casaco. Era uma relíquia dos tempos da ditadura, mas nunca me tinha deixado na mão.

Assim como o General, meu velho lobinho das neves.

Procurei caminhar o mais sorrateiramente possível, sem muito sucesso. Como poderia ser sorrateiro pesando noventa e tantos quilos? Desejei ter olhos de gato para enxergar no escuro. Seria uma emboscada? Polícia? Um traficante rival? E o que fora feito do meu cachorro?

Os gemidos vinham da cozinha. Sons tristonhos dando a impressão de virem de longe de tão baixos.

No caminho, ainda examinei sob os tapetes com a ponta dos dedos. Tateei pela abertura secreta onde ocultava meu estoque de “branquinhos”. Continuava no lugar.

Os gemidos. Embora eu me aproximasse, eles estavam cada vez mais fracos, quase inaudíveis.

Respirei fundo, criei coragem e abri a porta da cozinha com violência, fazendo mira e tentando enxergar na penumbra qualquer sinal de movimento. Tropecei numa cadeira. Xinguei. Um copo se espatifou. Panelas tilintaram. Todavia, ninguém reagiu. Indaguei-me se a vida que levava teria me transformado num paranóico. Estaria de fato necessitando de um psico-qualquer-coisa? Toquei no interruptor.

Nada.

Observei casualmente a marca da minha sola estampada na madeira da porta. “Tamanho quarenta e quatro”, pensei estupidamente. Mantendo a arma segura com ambas as mãos — como aprendera nos filmes —, andei cautelosamente, todos os sentidos a flor da pele. Algo dentro de mim, uma sirene oculta, soava feito uma bigorna. Não, não havia viva alma, ninguém na cozinha.

Exceto...

... então, eu o vi.

— General!

Corri para trás da geladeira, no cantinho onde ele se encontrava e do qual avistara somente sua cauda felpuda. General, meu velho, carinhoso e fiel General. Se algum dia eu amara uma criatura na vida, sem dúvida fora o General. Era um *husky* siberiano de olhos azuis, com uma máscara preta ao redor deles, o que me fazia chamá-lo ora de “Metralhinha”, ora de “Zorro”. Embora se portasse como uma criança traquinas, xereta e bagunceiro como ele só, raramente emitia um som. Bem, latir não latia mesmo, lobinho que era, uivando como tal quando faminto. Mesmo ao se machucar, o danado dificilmente soltava um ganido, engolindo a dor bravamente como se fosse um ninja. Valente como poucos. Em parte por isso seus gemidos me tocaram tanto.

Eu contava vinte e três anos no dia em que o roubara, filhotinho, de uma loja de animais perto de uma biblioteca. Algo dentro de mim não pôde resistir àquele olhar vivaz e pidão. O sujeito atrás do balcão nem se dera ao trabalho de disfarçar seu alívio e incredulidade diante do assalto. Eu não levava dinheiro. Só... o General. O sujeito teria rido, penso eu, não fosse pelo cano do meu revólver apontado para o seu “aeroporto de mosquito”.

General... Dera-lhe esse nome por sua beleza e pela pose aristocrática ao caminhar. Não que os “milicos” sejam assim.

Cuidara do bichinho feito menina brincando de boneca. Arrumara uma caixa de papelão, trapos macios e ração vitaminada. Mimara-o para além do exagero, talvez buscando compensar nele a estima que eu próprio não tivera na

infância. (Onde está o Sr. Freud?) “Come melhor que gente!”, falaram uns caras que, às vezes, eu usava como comparsas. Todavia, percebera que eles também haviam se encantado com o danado, e viviam trazendo guloseimas caninas ou brinquedos de borracha. E General rolava pelo chão, todo satisfeito e roliço.

Por mais violento que o mundo — o meu pelo menos — fosse, necessitávamos de alguma forma dar e receber afeto. Isso eu aprendera. Isso General me ensinara, e somente ele, o lobinho do Ártico, meu guerreirinho da tundra. Vários anos se passaram a partir daquilo, bons e maus momentos, e General sempre ao meu lado, sempre fiel. Um cachorro amigo, ao invés dos amigos cachorros com os quais já me deparei.

Não foi, portanto, sem uma punhalada no coração que o vi deitado, o ventre aberto e seu sangue formando uma poça imensa pelo ladrilho, misturado ao pêlo sedoso, antes branco e cinzento.

— General! — repeti, girando a cabeça para os lados, procurando o agressor, tornando a mirar o “Metralhinha”. — Quem foi o desgraçado? Quem?

Gritei e chorei simultaneamente feito um bezerro desmamado. Não sinto vergonha alguma ao confessar. Chorei muito, como não choraria por ninguém. Era o único ser verdadeiramente bom que eu já conhecera na vida. Abracei-me a ele e o General soltou um gemido mais profundo. Deus... como Lhe amaldiçoei. Quem tivera a coragem de fazer aquilo a um animal dócil e indefeso, que de tão velho sentia dificuldade até para andar?

General fitou-me nos olhos, reconheceu-me e procurou lambe minha mão. Pobre e fiel amigo. Não conseguiu.

O sangue saiu de sua boca e ele se engasgou. Não havia como salvá-lo. Poderia abreviar seu sofrimento. Não tive coragem.

— General, General, General...

Os olhos azuis ainda brilharam por meio minuto. Era o mesmo cintilar vivaz dos velhos tempos. Então, se apagaram. Juro ter pensado que ele só ficara vivo o tempo suficiente de me ver pela última vez. Ao menos eu desejei que assim fosse. E amei-o com maior intensidade. Sua vista se apagou e sobrou apenas o silêncio glacial e a escuridão da noite na casa antes acolhedora, subitamente tornada funesta.

“Alguém vai pagar muito caro por isso!”, jurei ao me pôr de pé.

Apesar da frase bombástica, eu estava correto: Mais de uma conta seria quitada antes da madrugada chegar ao fim.

O fim transformado em princípio.  
A quebra da crisálida.

\*\*\*

A pergunta era simples. Quem?  
Quem seria o responsável?

A resposta, nem tanto.

Revirei a memória atrás dos concorrentes no negócio de “branquinhos”, velhas rixas, ladrões-pés-de-chinelo. Quem poderia saber de meu endereço?

Fosse quem fosse, estaria longe agora. Pelo menos, foi o que imaginei. Quem seria cretino o bastante para...

... Errado.

Cretino era o que não fazia falta no mundo.

Um ruído.

Estaria delirando? Custei a me concentrar. O ódio poderia estar me

pregando uma peça. Porém, não. O barulho se repetiu, tive certeza dessa vez, e vinha do pavimento superior, acima da cozinha.

Um calafrio tomou conta de mim. A adrenalina se esparramou para as extremidades, fazendo com que eu empunhasse o revólver mais firmemente.

— Puta merda! — balbuciei, incrédulo.

Um cretino... no meu quarto!

Que ousadia!

Não só o bastardo estripava meu cão feito um açougueiro como não fugira, e o que era pior, muito pior: ele ria! Era o som de risos o que eu escutava. Ria de mim e de meu amigo caído.

A cólera apossou-se de todos os átomos de meu corpo. O sangue ferveu a ponto de me embaçar a vista. Vi o corpo do General. Murmurei:

— Você será vingado.

Não mataria o canalha, pelo menos não rapidamente. O caminho da dor poderia ser longo e perdurar por uma eternidade, como caminhar por uma touceira espinhosa com um par de tachinhas enfiadas na sola do pé.

A raiva torna a gente descuidada. Se tivesse refletido comigo mais detidamente, indagaria o porquê do sujeito se sentir tão seguro a ponto de não somente me aguardar como também denunciar-se assim. Mas naquele momento, eu não ouviria conselho algum, muito menos do sujeitinho pequeno pousado em meu ombro, chamado Consciência, sussurando advertências em meu ouvido. Sem demonstrar cuidado, fui na direção da escada. Meu quarto ficava no fim de um corredor e, de acordo com meu melhor diagnóstico, o imbecil estava frito. Não havia outra saída a não ser passar por

mim. Eu mantinha a janela fechada com cadeado, para não mencionar as grades (afinal, tinha de me prevenir contra assaltos...).

Insinuante e provocativo, o riso continuava, agora mais baixo.

— Lunático, só pode ser — falei para os meus botões.

E o mundo não se achava cheio deles desde que as visões do apocalipse cobriram o planeta? Não era por isso que meu negócio ia de vento em popa? Pirado ou não, em breve, o mundo iria ficar com um demente a menos.

Subi os degraus de dois em dois e, no instante seguinte, vi-me diante da porta entreaberta. Os sons vinham de lá, sem dúvida. Risos abafados que fingiam não querer serem ouvidos, provocando justamente o efeito oposto. Só vi a escuridão através da fresta. Todos os meus músculos encontravam-se tensos como cordas de um violino. Não sei dizer exatamente se foi nesse instante que o cérebro ou o sujeitinho no meu ombro gritou: “Tem algo de errado, de muuuuito errado aí dentro, cara!” Surdo feito um tolo, ao invés de dar meia volta, acertei um novo pontapé e disparei na direção daquela praga de risada, indiferente a indiscreção dos vizinhos.

Um vidro estilhaçou.

Prendi a respiração um instante.

A primeira coisa que senti foi o frio. Concentrado naquele quarto como se lá tivesse feito morada. E eu não possuía ar condicionado, ou melhor, tinha, mas enguicava eu eu vivia adiando seu conserto ou arranjar um novo. Não, era uma outra espécie de frio, percebi, algo envolvente, pegajoso, não natural. E fui envolvido completamente por ele.



Inspirei. Um leve odor de mofo e algo mais infiltrou-se pelas narinas. Era um cheiro de casarão fechado, de roupas pedindo naftalina, de carne iniciando o processo de decomposição.

Não havia mais risadas.

Escutei:

— Olá, Toninho.

Era uma mulher.

Conhecia-me.

Sua voz atingiu-me feito um soco no estômago. Era tão gélida e nefasta quanto o ar que ora respirava. Quem seria?

O vulto colocara-se entre mim e a janela. A janela não fora tocada, todavia, eu podia distinguir os contornos da pessoa por causa das frestas e a luz vinda do lado de fora. Cabelos longos e lisos. Corpo bem feito. Uma silueta atraente, não fosse as circunstâncias. Embora não visse os traços de seu rosto, senti seus olhos cravados nos meus. Dois punhais. Duas estacas. Estremeci.

Os alarmes da casa eram sensíveis a movimentos e até ao calor do corpo humano. Por que não soaram?

*“Tem algo de errado, de muuuuuito errado aí dentro, cara!”*

Consegui dizer:

— Que-quem é você, miserável?

— Tentei fazer minha voz não tremer. Impossível. O medo tomara conta de mim. O ar repulsivo infiltrava-se dentro dos pulmões, através da pele, apalpando, lambendo, sugando tudo em seu caminho feito uma esponja. O cano da arma oscilou. Desejei fugir dali, mas as pernas não me obedeciam mais. — Quem?

A névoa translúcida da madrugada corria solta lá fora. Eu também podia senti-la. Desejei fazer parte dela, afastar-me daquele quarto, daquela presença

misteriosa, flutuar por entre as ruas vazias e a noite que odiava, apagar vultos, rastejar sobre telhados. Longe dali. Longe. Longe!

*... Muuuuuito errado...*

A iluminação pública era fraca e invadia meu quarto num ângulo agudo, traçando no chão sombras paralelas da veneziana, entrecruzadas pelas sombras das grades. Venezianas e grades. Grades e venezianas. As sombras no piso. O quadrilátero da moldura da janela. Sombras. Minha sirene interior gritou.

*... cara!...*

Como poderia ser isso se a mulher estava de costas para a luz? Onde estava a sombra dela? ONDE ESTAVA A SOMBRA DELA???

*... Muuuuuito...*

\*\*\*

Necessitava de Freud. Não obstante, àquela altura ambos pararíamos num hospício.

Meu senso de realidade fora perdido.

Ouvi aquele som novamente, aquela risada. Meu coração falhou. Era um barulho gorgolejante e estalado, como alguém tentando falar debaixo d’água ou um correjo ecoando no interior de uma gruta. Porém, era também uma nota de satisfação, de quem nada temia e nada tinha a perder, somente a ganhar. Não podia ver seu rosto. Quis imaginar a fisionomia contraindo-se numa risada, os lábios repuxados, as rugas sobressaindo-se nos olhos. Encontrava-me em seus domínios, disso não tive dúvida. O quarto era meu, todavia, pisava em território estranho, eu era um intruso ali. E aquela mulher era a

personificação da noite que eu temia e detestava.

— Ah, Toninho — repetiu, felina.

Minhas mãos tremiam como nunca. Nem quando fui atacado no orfanato ou na prisão senti tanto pavor. Os joelhos converteram-se em margarina. Senti estar a ponto de desfalecer a qualquer momento. Aquele ar denso, aquele frio sobrenatural. Fugir, precisava escapar dali.

*A sombra...*

*... Cadê a sombra?*

— Vem cá, Toninho — veio a voz sem rosto. — Deixe-me afagar seus cabelos.

— Co-como afagou o General? — consegui dizer.

— Quem? Ah... o cãozinho estúpido.

“Estúpido?!”

Suas terríveis palavras deram-me forças. O tipo de bofetão que faz a gente acordar. Pensei no General lá embaixo, meu bom General, o que ele não teria sentido, o quanto não teria sofrido nas mãos daquela vagabunda do inferno. Meu querido lobo do Ártico, terrivelmente morto no chão da cozinha, o corpo esfriando rapidamente, a rigidez tomando conta de sua carne cansada, a merecida paz não encontrada na velhice. E aquele olhar de despedida, de um afeto que jamais encontraria outro igual enquanto vivesse. Maldita vagabunda. O ódio inflamou meu rosto, afugentando momentaneamente a sensação de frio oriunda do quarto.

Minhas mãos se firmaram.

Gritei:

— Miserável!

O revólver disparou. Consegui correr para o outro lado do quarto e atirei mais uma vez. O fogo iluminou as

paredes a semelhança de *flashes* fotográficos.

E eu a vi.

Se havia uma suspeita de minha parte quanto ao meu destino, transformou-se em certeza diante daquele rosto.

Vagabunda do inferno...

... e um rosto também de lá...

... lá debaixo...

... do coração das estrelas.

E sem sombras a tocá-lo.

\*\*\*

A noite avançava do outro lado das venezianas, menos silenciosa e mais tensa. Tão fria quanto o cintilar de outono dos astros acima. Havia o sereno, havia os morcegos, havia os gatos. Desejei ser qualquer um deles, qualquer coisa para estar bem longe daquela casa, da noite dentro da noite. Ah, se houvesse outras forças no céu além das nuvens, dos ventos, dos relâmpagos e dos trovões! Todavia, sabia ser inútil, pois havia muito deixara de crer no divino, exceto como força de expressão ou como um alvo para o meu ódio. Eu não tinha para quem orar. E, se existisse um Deus, deixar-me-ia a própria sorte a título de castigo. E, de fato, Ele o fez.

Algum madrugador por certo se alarmaria diante dos estampidos de arma de fogo, ou talvez não. Era um som tão comum num mundo cada vez mais tomado pela violência. Podia ser que algum vizinho telefonasse para a polícia. Meu esconderijo estaria acabado. O que importava? Não acabara tudo de fato e de qualquer maneira? Como eu poderia escapar dela... daquilo?

A “mulher” mal se moveu.

E seu rosto... Vi só de relance, mas  
vi.  
Tão branco e tão... morto.  
Seria possível?  
*Sombra...*

Sem demonstrar temor algum, ela limitou-se a acompanhar meus movimentos, não se dando ao trabalho sequer de se desviar dos tiros. Os cabelos compridos e lisos balançaram levemente sobre seus ombros e busto. Sem pressa, esticou o braço e acendeu o abajur, dissipando-me todas as dúvidas — não que eu o desejasse!

Aquele rosto.  
Tão lívido. Tão...  
— Mãe do céu... — balbuciei.

Embora eu trafegasse pela noite feito mariposa, abordando ou sendo abordado por madrugadores de plantão, jamais vira palidez semelhante ou lábios tão vermelhos quanto aos daquela mulher. Era como a maquiagem de uma gueixa, só que, algo me dizia, não se tratava de um efeito dos cosméticos.

Ela mal se movera diante de meus disparos. Apenas voltara seu corpo de frente para mim, e, de um novo ângulo em que me encontrava e do novo ângulo que a luz exterior a atingiu, pude vê-la melhor, espectralmente melhor. Não que eu tivesse escolha. Tive de admitir, apesar do pavor, apesar das circunstâncias anormais: era malignamente atraente. Trajava somente uma fina camisola e, contra toda a racionalidade, vi-me admirando a curva de seus ombros, o decote pronunciado, o generoso par de seios, os mamilos enrijecidos, a cintura fina, o triângulo escuro entre suas coxas... Engoli seco. Balancei a cabeça.

— Que loucura...

Poderia ter discorrido mais comigo mesmo sobre aquela estranha, não fosse o frio, o odor pútrido, a ausência de sombra; não fosse pelos tiros, e, em particular, pelo último e derradeiro tiro.

Ouvira o som de vidro se partindo em infinitos pedaços e lamentara. Embora não o visse, pois ela estava na frente, sabia que havia atingido o porta-retrato onde se encontrava o General aos seis meses. O tiro. O alvo atrás da mulher. Ela entre mim e a fotografia do General... Deu para compreender? Acertara-a em cheio! E a estranha continuava lá imóvel, sorrindo. Permanecera de pé como se seu corpo não passasse de uma névoa, inconsistente, etéreo.

Sem sombra... Sem corpo.

E seus olhos. Duas faíscas trespassando minha alma, rasgando-me por dentro.

Ela riu novamente. Som de gargarejo.

— Antonio Marconi Velasquez — falou de mansinho. Uma voz rouca feita de luar e promessas não cumpridas. — Toninho...

— Como me conhece? — indaguei sem gaguejar desta feita.

Fitei seu rosto pequeno e anguloso, queixo firme, os cabelos negros caindo para trás. Os lábios carnudos e intensamente vermelhos. Mas o que chamava mais a atenção era o seu olhar... Hipnótico como o de uma serpente.

Quem seria ela?

— Como me conhece? Diga!

— Ah, Toninho... — sussurrou. — Esqueceu-se tão depressa de sua Samanta?

Pestanejei.

— Samanta? — Aquilo era tão irreal que eu senti uma necessidade desesperadora de conversar, de manter parte do cérebro ocupado para não pensar. Não pensar no General ensanguentado, na risada asquerosa, na atmosfera fétida e gelada, naquele tiro que atravessara o vazio de seu corpo; não pensar no terror primitivo, agora a flor da pele. — Que Samanta? Não sei de ninguém com esse nome.

— Demorei muito a lhe encontrar — prosseguiu ela, ignorando-me e às minhas palavras. Num gesto lânguido, deu um passo em minha direção. Parecia ser tão leve, como se andasse no céu. Mas não havia céu para ela, e não havia qualquer coisa para mim além do cintilar de seus olhos. — Andei muito tempo pelas ruas, perdida na minha obsessão, querendo o pó, o bendito pó, o pó do esquecimento e do prazer.

Esticou os braços e pude ver as marcas das agulhas destacando-se da alvura da pele. Havia tantos furos quanto um queijo ou quanto as crateras da Lua.

Ela acrescentou:

— Percorri bares e bordéis, boates e hotéis, porém, você havia sumido. Ninguém sabia me dizer aonde é que você andava. Ou será que você deixara instruções para não falarem nada? Então? Responda para a sua Samanta, para a sua “Borboleta”...

Então, eu lembrei.

— Bo-Borboleta?

Ela avançou outro passo. Recuei, sentindo o armário às minhas costas.

Borboleta...

Fez que sim com a cabeça. Ergueu a barra rendilhada da camisola a fim de comprovar, indiferente ao fato de não usar mais nada por baixo. Vi a penugem

pública realçada contra a alvura da pele e, pouco acima, a tatuagem do inseto. Asas enormes de colorido berrante. Pela pose em que fora desenhada, dava a impressão de estar se preparando para sugar o néctar de seu sexo. Mais de um poeta no passado fizera tal analogia com uma flor. Muitos mais o provaram.

Senti um calor brotar de minha virilha, acima do frio emanado pela mulher.

Borboleta... Sim, agora me recordava.

Era uma de minhas freguesas habituais de um setor para os lados da Praça das Bandeiras, um ponto que eu não fazia mais havia meses. Borboleta se tornara má pagadora, e, desde então, eu cortara seu fornecimento. Depois, um traficante mais forte surgiu e perdi definitivamente a freguesia local. Seu verdadeiro nome nunca significara nada para mim. E Samanta, muito provavelmente, não passava de mais um “nome de guerra”.

Mas como ela entrara na minha casa?

Como se tornara... aquilo?

Ela sussurrou:

— Ah, Toninho, vaguei sozinha noite após noite procurando por você. A necessidade louca do pó. A cabeça rodando, o corpo trêmulo, a garganta seca... Vasculhei todos os cantos, próxima da demência. Eu tinha que encontrá-lo, apostei minha alma nisso.

“Ah, Toninho, você próprio nunca foi tomado pela luxúria do pó, não é? Espertinho. Fez bem, ainda que privado de imagens maravilhosas, a euforia e a sensação de voar rente à Lua. Tampouco foi prisioneiro. E isso foi o pior para

mim, a ausência repentina e a necessidade.”

E ela soltou novamente aquele riso insano. Os dentes brilharam como um par de fileira de pérolas. Dois deles se destacaram subitamente.

Eu estaria delirando?

Os caninos aumentaram de tamanho.

Eu não me podia mexer.

Frio e calor.

Terror e desejo.

Uma palavra formou-se em meu cérebro.

O sujeitinho chamado Consciência recusou-se a crer. Gaguejou incoerências em meus ouvidos.

Mas a palavra veio assim mesmo, rolando feito um filme antigo com seus castelos, árvores despidas, carruagens e uivos distantes:

“Vampiro.”

\*\*\*

Samanta sorriu. Havia melancolia em seu rosto, insanidade e mágoa. Gestos lânguidos não escondiam o horror no qual se transformara, pelo contrário, realçava-o tanto quanto a sinuosidade nua de seu corpo sob a tênue camisola. Falou:

— Foi numa dessas noites de procura. Encontrei Abraham Schreck... Bem, na realidade, foi ele quem me achou.

— Abraham?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, deixando os cabelos roçarem seu colo e os mamilos intumescidos.

— Um estrangeiro muito alto e muito elegante, Toninho. Num certo sentido, vocês se assemelham. Ele

também era uma espécie de fazedor de milagres... um outro tipo de milagre, mas igualmente pontilhado de ansiedade e angústia.

“Abraham achou-me caída num beco, desesperançada, destruída por dentro. Eu morria de sede por causa do pó. — Fez uma pausa e, por um segundo, sua expressão grotesca se suavizou, tornando-se quase humana. Mantinha os olhos fixos nos meus, porém, não me via mais. Perdera-se num passado próximo, agora revivido, um passado tão extraordinário quanto o presente no qual eu imergira. — Abraham substituiu minha sede por outra, fez-me esquecer do pó e de quase tudo, exceto o desejo de encontrar você, querido Toninho, fonte dos meus sonhos mais loucos... e dos pesadelos mais aterradores. Venha para mim.”

Não havia qualquer afeto no seu “querido”.

Minha arma fugira das mãos num baque seco e imperceptível, entorpecido que eu estava sob os efeitos daquele olhar e daquela voz. Seus olhos eram dois feixes de luz sobressaindo-se além das nuvens. A origem do Universo. Um par de redemoinhos. Sugando-me. Levando meu corpo, minha alma. Para aonde? Talvez o morcego em meu braço soubesse a resposta, todavia, naquele momento ele deixara de ser um aliado, transformando-se num inimigo, encarnando Samanta, dividindo com ela um idêntico sorriso aguçado.

— Venha — repetiu a criatura.

Meu pé direito se moveu para frente, dotado de vida própria, rumando em direção àquele estranho ser da noite em seu vestido de névoa.

— Venha.

A odiosa noite.

A noite da qual sempre fugira.

A noite que, enfim, me encontrara.

Como ela entrara na minha casa eu não saberia responder, como, de resto, não existia resposta a várias perguntas por ela deixada. As grades da janela permaneciam intactas. Eu as cimentara fazia dois meses. A porta da entrada não fora arrombada e nem a da cozinha. Não me lembrava mais do rosto de Samanta; era só mais um rosto entre milhares de outros, somente mais uma jovem perdida, buscando alívio a seus problemas na magia do “branquinho”, apenas mais uma freguesa como tantas que se veriam em supermercados, escritórios, igrejas... não, não numa igreja. Só me lembrei devido a menção da borboleta. Samanta Borboleta. A borboleta que eu vira uma única vez quando, não podendo pagar em dinheiro, ela cedera seu corpo num canto escuro e abafado de uma das danceterias. Fora tudo muito rápido. Tudo muito... profissional.

— Venha, Toninho Velasquez.

E eu fui, esquecido de tudo até do infeliz General. O mau cheiro desapareceu. O frio recuou e senti o calor se esparramar mais intensamente de minhas entranhas. Uma névoa cinzenta surgiu, movimentando-se a nossa volta. Vi rostos dentro dela, faces não humanas. Seria essa a sensação de alguém tomado pelo pó? O medo indizível misturado à euforia. Alucinações. O desejo mesclado à repulsa. A vontade de gritar estando a voz presa no interior da garganta.

Agarrei-a. Seu corpo era miúdo. Eu poderia envolvê-la apenas com um único braço. Poderia esmagá-la, creio. Exceto que ela havia me esmagado primeiro, desde o instante em que seu

olhar capturara o meu, naquele céu, naquele poço escuro onde brilhava o luar. Meus dedos exploraram sua cavidade. Era úmida, viva, pulsante, profunda. Samanta gemeu. Enroscou-se em mim feito uma planta trepadeira. Poder-se-ia dizer que eu a tinha sob meu domínio, contudo, ambos sabíamos perfeitamente ser o contrário. Menos do que um jogo, mais do que desejo. Afundava-me em seus braços numa viagem sem retorno.

Num dado momento, minha calça escorregou até os tornozelos.

“Perdoe-me, General, perdoe-me!”

Não me consegui controlar. Não consegui pensar em outra coisa. Seu olhar. Os gemidos. O torpor. A borboleta. E... e... eu a amei, se é que poderia chamar de amor aquele ato. Amei e odiei, tudo direcionado a uma mulher para quem eu mal dirigira umas palavras antes daquela noite. Amei odiá-la e odiei amá-la simultaneamente.

— Venha — gemeu sua voz além das sombras. — Venha partilhar meus sonhos.

Seus olhos mergulharam nos meus. Seduziram-me. Continham fogo, éter, faíscas e trevas. Tudo misturado num amálgam de sentimentos. Loucura, infinita loucura. O universo girava ao meu redor. Uma legião de rostos gargalhava no interior do nevoeiro.

As unhas de Samanta cravaram-se nas minhas costas.

Urrei.

Rasguei furiosamente a frágil camisola. Apanhei-a no colo e passei a morder os seios e a alva planície do ventre, ao redor do umbigo, descendo e descendo até...

Samanta arqueou seu corpo.

— Isso, Toninho. Aí... Aaahhh...

Senti seu sabor. Com as mãos, pressionou-me contra si a ponto de dificultar minha respiração.

A flor e a borboleta.

Subitamente, ela escapuliu de meus braços fazendo uso de uma força muito além da normal, divertindo-se às minhas custas.

Ereção solitária e palpitante.

O néctar nos lábios.

— O que está fazendo? — indaguei.

— Venha me pegar, Toninho — respondeu, arquejante. — Venha.

Samanta correu de volta à janela.

Rastejei em sua direção, através do nevoeiro. Lá nas profundezas de minha consciência, o pavor corria a solta, um medo que jamais supusera existir. Quem poderia dizer que eu ficaria amedrontado diante de uma mulher miúda assim? Mulher? O pensamento veio e foi como uma corrente elétrica. Ignorei os gritos do sujeitinho em meu ombro. O terror fora suplantado pelo desejo.

Ela me possuía.

Fiquei a distância de um passo da criatura. Como era pequena! Quis perguntar muitas coisas. Meus lábios estavam secos e a voz refugiada para dentro da garganta, desafiando-me a fazê-la sair. Só consegui grunhir feito um animal. O sexo latejava tanto entre minhas pernas a ponto de doer.

Samanta ergueu os braços, realçando os montes generosos e macios; oferecendo-se; convidando-me.

— Toninho... Toninho, venha saber como é bela a noite. E o silêncio é suave nos beirais dos edifícios, nas sacadas, nos becos sujos, nos sótãos dos casarões, nas fábricas abandonadas. Fite-me.

Balançou os quadris de forma sensual numa dança de odalisca, movimentos vagarosos, copulares. Sua púbis brilhava.

E os olhos negros.

Olhos que cintilavam, que tinham a chama de Prometeu — ou seria de Lúcifer, o portador da luz? — e a escuridão do Caos. Cílios longos e curvos que não se tocavam, em olhos que mal piscavam. Momentaneamente, a medida em que ela se mexia, tive a impressão de seu corpo se transformar, deixar de ser mulher para se transformar em outra coisa; no ser que, na juventude, eu tatuara no braço: um imenso morcego.

Baluciei sons ancestrais.

A metamorfose não se completou e a figura extremamente pálida e sedutora da mulher ressurgiu.

O desejo me consumia. Alcancei-a e prendi-a em meus braços para nunca mais deixá-la partir.

— Samanta...

— Toninho.

— Eu...

— Não fale. Voe com a Borboleta.

Voe!

Seu toque era quente e gelado, o mesmo contraste de forças opostas. Mãos de mármore. Seus lábios de um rubro intenso sobre os meus. Sua língua molhada enroscando-se na minha. Meu corpo a se derreter num oceano de estupor, num furacão de embriaguês indescritível.

— Voe — repetiu ela, separando as pernas.

Penetrei-a vigorosamente.

Era morna e escorregadia como sua boca.

Gemi vezes sem conta. Vontade de pular de um penhasco e gritar para todos os horizontes que o mundo me

pertencia. Mil cores e formas, sons de todas as espécies. Redemoinhos. Faces demoníacas a dançar a minha volta, surgindo e desaparecendo na neblina. Tudo a girar, girar e girar. A perda da noção do tempo. Entrando, saindo, urrando, arranhando... voando.

— Samanta, Samanta, ah...

— Voe comigo. Voe!

Ao alcançar o orgasmo, foi como se toda a minha vitalidade escapulisse tanto dos lábios quanto pelo sexo. Fui absorvido por ela, pela boca dela, por sua flor, por sua pele, por sua mórbida palidez. Flui como um rio: eu estava a montante e ela, a jusante. A sensação de ebriedade foi crescendo num torvelinho e, no desenvolver da névoa em uma bruma espessa que me turvou a visão, pude ainda mais uma vez mirar o negror abissal e insaciável daqueles olhos e sentir seus caninos longos e quentes cravarem-se na minha jugular.

— Oh, bela! — gritei num espasmo final. — Oh, bela...

Ouvi uma voz. Poderia ser dela ou poderia ser somente fruto da alucinação. Tive a impressão de ouvi-la murmurar em meu ouvido:

— Você será como eu, uma criatura do umbral. Não pertencerá nem à vida nem à morte, mas uma coisa eu lhe garanto: suplicará por ambas.

Perdi as forças. Caí no assoalho feito um monte de trapos. A vista turva ainda pôde distinguir a silhueta de Samanta, um vulto a se dissolver diante de meus olhos, transformar-se num enxame de moscas e zumbir através das frestas da veneziana. O frio do quarto se foi. A névoa cinzenta também. As trevas permaneceram. E um outro frio, mais intenso, imobilizou minhas articulações, meus órgãos, minha respiração.

— Sa-Samanta — gemi.

Ela era a noite. Era a noite em sua essência. E, ainda imerso no delírio, agradei-lhe por me fazer abrir os olhos, por me ensinar a amar o silêncio e a fazer as pazes com as trevas.

Entretanto, eu ainda não sabia.

Não haveria paz.

Não haveria tréguas.

E permaneceria as sombras da escuridão.

Sim, eu tinha razão: *O caminho da dor poderia ser longo e perdurar por uma eternidade, como caminhar por uma touceira espinhosa com um par de tachinhas enfiadas na sola do pé.*

Foi assim que morri.

\*\*\*

Quando voltei a erguer as pálpebras, a luz ofuscante do dia invadia meu quarto. Gritei de dor, cobrindo os olhos. Minha pele descolorida ardeu sob o Sol. Agora, era um filho involuntário das trevas. Fechei as cortinas com violência.

Samanta havia desaparecido.

A desordem no quarto e, principalmente, o cadáver do General na cozinha disseram-me que não tivera um pesadelo. Meu querido amigo, única criatura a quem genuinamente amara e a quem acabara de trair. Não consegui chorar. Sabia que eu estava tão morto quanto ele, ainda que de uma forma diferente. Eu podia me mover e ele não passava de uma estátua de gelo que um dia irradiara calor e alegria. Felizmente não se tornou um igual a mim, pois, assim, sentir-me-ia na obrigação de destruí-lo, libertá-lo de uma pseudo-existência desgraçada e incompatível com a criatura maravilhosa que fora. Seria



terrível vê-lo perecer outra vez, ainda mais se fosse por minhas próprias mãos.

Somente a noite, com a garganta queimando, juntas enrijecidas e um vazio incomensurável em meu peito, pude sair de casa e enterrá-lo no fundo do quintal.

— Adeus, velho companheiro — disse após atirar o último torrão de terra.

A polícia não apareceu.

Os vizinhos permaneceram ocultos por trás de suas janelas parcialmente fechadas, apesar dos gritos, tiros e gemidos.

Sentia-me exausto e exaurido, mas demorei bastante tempo a voltar a dormir. Examinei o pescoço no espelho, momentaneamente surpreso por ainda ver meu reflexo, e mais ainda por não encontrar as marcas dos dentes da vampira. Eu possuía sombra. Ainda era cedo demais para compreender.

E quanto a Samanta? Ela presenteou-me com algo pior do que a morte das mortes. Uma vingança primorosa, isso eu reconheci: a noite eterna, a escuridão temida, a solidão de quem fora excluído da humanidade para sempre. Por outro lado, e de minha parte, achei a solução definitiva para os presidiários abusadores de novatos e os cheiradores e injetadores de pó. Quem daria por falta deles? Quem se importaria?

Eventualmente perdi meu carro, minha casa e meu “emprego”. Tampouco necessitava deles agora.

Aos poucos fui aprendendo.

Nós, vampiros, podemos obter de tudo somente com a força de um olhar. A vontade da vítima torna-se a nossa vontade. Ela verá e sentirá aquilo que desejarmos. A seiva de sua vida será irremediavelmente transferida e em

idêntica proporção ao término de sua existência. Não exatamente sangue, mas algo mais sutil, uma espécie de energia, um fluxo da vida. Todavia, esperam ver dentes aguçados, orelhas pontudas e capas esvoaçantes? Um tanto cafona, porém, por que não? Assim o faremos se o desejarmos. Pensarão que nos transformamos em nevoeiro, porém, estaremos bem ao lado, mirando, sugando, vivendo a não-vida em vida.

Meu lar é a noite, maldita noite. Meu trabalho é transformar pesadelos em realidade, aplacar minha realidade em suas insônias.

Minha meta principal: vingança.

Traí General involuntariamente. Desta vez, como um igual, Samanta não escapará. O ódio acompanhou-me por muito tempo e por várias noites desde a longínqua infância. O ódio me sustentou, manteve-me vivo. Agora, ser-me-á de muita utilidade na morte.

Hora de voar.

\*\*\*

*Sim, a vida brinca com a gente, inclusive na morte. Escreve seus caminhos, toca sua música, faz suas ironias. Somos seus fantoches. Servos do destino.*

*Eu que sempre abominei as noites, sou agora, definitivamente, um prisioneiro delas.*

*E o morcego em meu braço, assim como a caveira, as serpentes e o dragão, tornou-se mais que um símbolo: um irmão.*

*Quem diria: um vampiro heavy metal...*

*Oh, bela Borboleta, eu a encontrarei. Agora somos iguais, aves notívagas sem rumo. Somos a encarnação dos temores noturnos e desejos sádicos. Hei de achá-la, meu odiado amor, e a seu miserável criador de nome estrangeiro, Abraham Schreck. Juro que ambos*

*morrerão pela segunda vez e, assim espero, para sempre.*

*Descobri que o crucifixo não passa de uma lenda e, caso não fosse, tampouco eu poderia usá-lo na minha situação. Faz sentido: o que significaria o crucifixo para um vampiro budista por exemplo? A epiderme é sensível à luz do Sol, contudo, nada tão dramático quanto nos filmes de Christopher Lee. Posso caminhar por algum tempo durante o dia, um pouco mais se estiver bem protegido.*

*Um vampiro iniciante tem muito a aprender... E, se outra parte da lenda for verdadeira, tempo será algo que terei de sobra.*

*Felizmente, não preciso deitar-me em esquifes ou dormir em cemitérios... Credo!*

*Samanta e Abraham.*

*As estacas devem funcionar. Pelo menos uma farpa em meu dedo continua a doer quase*

*tanto quanto antigamente, apesar do processo de cicatrização ser tremendamente mais rápido.*

*Outra noite chegou. Amaldiçoada noite. Silêncio desprovido de vida.*

*Carrego um CD-Player e nele ouço uma canção apropriada: Fear of the Dark, do Iron Maiden. Grande Iron Maiden. É isso aí, Bruce.*

*Medo do escuro.*

*Universo dos não-vivos.*

*Suas imundícies.*

*Seus letreiros de néon.*

*Gatos no cio.*

*Ao diabo com Freud.*

*Há notícias de mortes misteriosas para os lados da Vila Ré. É a minha direção.*

*Sem pressa, noite adentro, inspiro o orvalho, sigo a trilha de lâmpadas de mercúrio...  
... atrás de mariposas.*

\*\*\*

Data: 12.08.1990 e 14.08.1990. Reescrito em agosto e setembro de 1999.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limnographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

[http://www.efuturo.com.br/pagina\\_textos\\_autor.php?id=671](http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671)

<http://marcianocomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

# POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO  
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS  
COMPROMISSO E SERIEDADE  
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 62 MIL CURTIDAS  
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES  
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES  
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

**ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:  
[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)**

Divulgação de escritores e editoras  
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)